



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FACOM
COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

CARLA LETÍCIA PEREIRA OLIVEIRA

**UM UNIVERSO PARALELO NA BAHIA:
O IMPÉRIO *UNDERGROUND* DA MÚSICA ELETRÔNICA**

SALVADOR

2018

CARLA LETÍCIA PEREIRA OLIVEIRA

UM UNIVERSO PARALELLO NA BAHIA:
O IMPÉRIO *UNDERGROUND* DA MÚSICA ELETRÔNICA

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de
Graduação em Comunicação com Habilitação em
Jornalismo da Faculdade de Comunicação, Universidade
Federal da Bahia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Suzana Oliveira Barbosa

SALVADOR

2018

O48u

Oliveira, Carla Letícia Pereira

Um universo paralelo na Bahia: o império *underground* da música eletrônica./ Carla Letícia Pereira Oliveira. – Salvador, 2018.

46f. Il.; color

Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Comunicação com Habilitação em Jornalismo – Faculdade de Comunicação - Universidade Federal da Bahia.

Orientação: Prof^ª. Dra. Suzana Oliveira Barbosa

1. Música eletrônica. 2. Cultura underground. 3. Universo Paralello. I – Título.

CDD – 781.532

CARLA LETÍCIA PEREIRA OLIVEIRA

UM UNIVERSO PARALELLO NA BAHIA:
O IMPÉRIO *UNDERGROUND* DA MÚSICA ELETRÔNICA

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de
Graduação em Comunicação com Habilitação em
Jornalismo da Faculdade de Comunicação, Universidade
Federal da Bahia.

Aprovada em: ____/____/____

Banca examinadora

Cláudio Manoel Duarte de Souza

CECULT – Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

(Avaliador externo)

Assinatura

Leonor Graciela Natansohn

Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia

Assinatura

Suzana Oliveira Barbosa

Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia

(Orientadora)

Assinatura

A todos os fãs de *psytrance* no Brasil, que poucas vezes tiveram a oportunidade de ver seus artistas na TV ou no jornal pelos motivos certos.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer às pessoas que tornaram a realização deste trabalho possível. Isso inclui desde os professores de uma vida escolar inteira que me tornaram capaz, até os meus companheiros de vida que apenas seguraram minha mão durante o processo de produção.

Eu gostaria de agradecer a meus pais, Joelma e Carlos, sempre tão parceiros e incentivadores, que mesmo nunca entendendo essa minha paixão por música eletrônica e pelos caminhos pelos quais optei, sempre estiveram ao meu lado, dando-me todo o tipo de apoio possível. A eles devo a vida e absolutamente tudo o que veio depois.

Agradeço aos meus tios Nairene e Luis e a meu primo Guilherme, que em sua infinita paciência e amor familiar me acolheram em sua casa nos últimos meses. Vocês foram essenciais para que eu pudesse terminar este trabalho e eu não consigo demonstrar o quanto sou grata por isso.

Agradeço a toda minha grande e solidária família, sempre dispostos a estender uma mão e ajudar com o que podiam. Se eu fosse citar nomes, este memorial ficaria gigantesco.

Agradeço a meus tios Freitas e Rita e a meus primos Nelson e Douglas, pela ajuda essencial que me possibilitou cursar a faculdade desde 2013. Sem vocês, não haveria um TCC a ser entregue hoje.

À minha orientadora, Suzana Barbosa, que aceitou o meu estranho mundo do bate-estaca. Em todos os momentos ouviu minhas ideias e me guiou pelos melhores caminhos, sem jamais cortar minhas asas.

Agradeço infinitamente aos profissionais que contribuíram com dicas e entrevistas para a minha reportagem. São pessoas que eu sempre admirei e que conhecia por nome e história na música ou nos jornais, jamais imaginando que um dia teria a honra de entrevistá-los. A todos que me trataram com a maior gentileza possível, compartilhando um pouco do seu conhecimento comigo, meu muito obrigada.

E agradeço, por último, mas não menos importante, aos artistas que tornam possível a resistência da cena *trance* nos dias de hoje, por todo o Brasil. Não é uma escolha fácil e, mais do que nunca, conheci de perto essas dificuldades. Mas também vi o quanto vale a pena a manutenção de uma cultura tão forte e potencialmente transformadora quanto essa.

Eu queria que todos pudessem conhecer a magia do *psytrance*. Ele transformou a minha vida.

“Na era digital, o que conta de verdade não são os BPMs de uma música, mas os batimentos que cada DJ acerta no coração de seu maior devoto, o público”. Claudia Assef

RESUMO

Este memorial busca explicitar todo o processo de produção da reportagem “Um Universo Paralelo na Bahia: O império *underground* da música eletrônica”, incluindo a escolha do tema, a metodologia de apuração e o trabalho de observação feito em campo. A reportagem apresenta, com base em depoimentos de artistas, jornalistas e produtores musicais, o evento de música eletrônica e cultura alternativa que acontece há 18 anos no Brasil, produto de um nicho musical extremamente segmentado e restrito, e que ao mesmo tempo se tornou referência internacional, sendo hoje o maior festival de cultura *underground* da América Latina. É feita uma junção de dados e entrevistas que buscam traçar um panorama sobre o contexto que possibilitou a formação desse fenômeno, incluindo o impacto na região em que ele ocorre – Sul da Bahia – e no público consumidor do estilo musical chamado *psytrance*. São trazidas também algumas reflexões sobre a ressignificação de conceitos como música e cultura *underground* e *mainstream*, utilizando o festival como exemplo. A reportagem está disponível em material impresso (*flyer*) e online [neste link](#).

Palavras-chave: Reportagem, Universo Paralelo Festival, Música eletrônica, *Underground*, *.Psytrance*.

ABSTRACT

This memorial seeks to make explicit the entire production process of the article "A Parallel Universe in Bahia: The alternative empire of electronic music", including the choice of theme, the methodology of investigation and observation work done in the field. The report presents, based on testimonies of artists, journalists and music producers, the event of electronic music and alternative culture that happens for 18 years in Brazil, product of a musical niche extremely segmented and restricted, and that at the same time became reference international, and is now the largest underground culture festival in Latin America. It is made a combination of data and interviews that seek to outline the context that allowed the formation of this phenomenon, including the impact in the region where it occurs - South of Bahia - and in the consumer audience of the musical style called psytrance. There are also some reflections on the re-signification of concepts such as underground and mainstream music and culture, using the festival as an example. The reporting is available in flyer and online at [this link](#).

Keywords: Reporting, Parallel Universe Festival. Electronic music. *Underground*. *Psytrance*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Universo Paralelo 13 (2015/2016).....	23
Figura 2	Camping no UP 14 (2017/2018).....	23
Figura 3	Fila para a entrada na 14ª edição do festival (2017/2018).....	24
Figura 4	Título de reportagem do portal <i>Play BPM</i>	27
Figura 5	Título de reportagem do jornal <i>La Nación</i>	28
Figura 6	Público do palco Chill Out no Universo Paralelo 13 (2017/2018).....	29
Figura 7	Plataforma de disposição final.....	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	O GÊNERO REPORTAGEM.....	15
2.2	A REPORTAGEM ESPECIALIZADA.....	17
2.3	CULTURA MUSICAL E JORNALISMO.....	18
2.4	A LITERATURA COMO INSPIRAÇÃO.....	20
2.5	LOCALIZANDO O FENÔMENO.....	21
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
3.1	CUIDADOSO OLHAR.....	24
3.2	FONTES E ENTREVISTAS.....	25
3.3	OS VEÍCULOS ESCOLHIDOS.....	26
3.4	A ESCOLHA DOS ELEMENTOS ACESSÓRIOS.....	28
3.5	OS DESAFIOS.....	29
3.6	PLATAFORMA DE DISPOSIÇÃO FINAL.....	31
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	34
	GLOSSÁRIO.....	38
	APÊNDICE A - Esquema da reportagem.....	39
	APÊNDICE B - Lista de entrevistados.....	45
	APÊNDICE C -Roteiro de perguntas.....	46
	APÊNDICE D – Reportagem e boxes.....	48

1 INTRODUÇÃO

A música eletrônica sempre foi um tema extremamente curioso para mim. E não apenas como fã, como alguém que de fato consome e procura acompanhar este fenômeno. Ele sempre me chamou a atenção pelo modo como se organiza e como é visto pela sociedade, especialmente no Brasil. Observo, no país da bossa-nova, do samba e de um milhão de outros ritmos regionais, um crescente e diferenciado espaço para a *e-music*¹, que ao mesmo tempo em que desfruta de um certo protagonismo na mídia e entre um público que surge, não perde o caráter de cultura periférica.

Isso, é claro, guardadas as proporções do que hoje é a periferia. Houve um tempo em que a cultura de “gueto”, envolvendo principalmente a música e a dança, era somente isso, vista como algo distante da cultura de massas, reservada somente àquele pequeno grupo que buscava de alguma forma manifestar-se através de sua arte. O espaço que o funk tem hoje no Brasil, por exemplo, deixa claro o quanto isso mudou. Está aí Anitta² para comprovar. Mesmo passeando hoje pelo seu tão almejado pop internacional, a cantora carioca não deixa que ninguém esqueça suas raízes no estilo brasileiro, enaltecendo-o o quanto pode.

Assim como há muito gringo por aí cantando “*Vai Malandra*”, um dos sucessos da moça, também existem os que cantam “*Hear Me Now*”. Este é o nome da música mais ouvida no mundo em 2017, de acordo com dados divulgados pela rede de *streaming* Spotify³. Ela é de autoria de três brasileiros, mas somente um teve o seu nome no topo das paradas e na capa das revistas (de música ou não): DJ Alok⁴.

Alok, um DJ, foi o primeiro brasileiro a alcançar não somente a posição de mais ouvido no mundo, mas também o 19º lugar na lista dos DJs mais populares mundialmente⁵. O alcance do DJ colocou a música eletrônica, pela primeira vez, em pé de igualdade com os

¹*E-music* é um termo para designar a música eletrônica, aquela que é criada ou modificada por equipamentos eletrônicos.

² Nome artístico de Larissa Machado, cantora e compositora brasileira que começou sua carreira em 2010 no funk, com o nome de MC Anitta.

³ Informação retirada de relatório divulgado em 2017, pela rede de streaming: Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/12/05/interna_diversao_arte,645608/um-sicas-mais-ouvidas-no-spotify-em-2017.shtml>. Acesso em: 6 de abril de 2018.

⁴ Aos 27 anos e conhecido mundialmente, o DJ tem como estilo o *brazilian bass*, criado por ele, mas também é identificado pelo *house* e *deep house*. Já se apresentou em países como Japão e China e é praticamente dono do Universo Paralelo Festival. Alok é filho de Ekanta Jake e Juarez Petrillo, fundadores e produtores do evento. O artista também é dono da gravadora UP Club Records.

⁵ O top 100 DJs da revista *DJ Mag* é a lista mais referenciada por artistas e jornais especializados em e-music. Disponível em: <<https://djmag.com/top100djs>> Acesso em: 15 de dezembro de 2017.

outros estilos brasileiros quando o assunto é mídia e público, aparecendo no rádio, na TV e nos jornais. Até parecia um produto *mainstream*⁶.

De fato, o caso do DJ Alok, que nem precisa mais do “DJ” antes do nome para ser reconhecido, é uma grande exceção. A regra sempre foi a de que a música eletrônica existia sim, e até tinha grande público, mas era *mainstream* somente dentro dela mesma. Um DJ nunca havia tocado ao vivo no *Domingão do Faustão*⁷, por exemplo. Não havia espaço para isso. Seu lugar era a “periferia”, a marginalidade, não a atração principal da festa.

Até agora. Ou melhor, até um tempo atrás. O tempo fez o Brasil passar para o segundo maior mercado de música eletrônica do mundo, em 2015⁸. Segundo relatório anual do International Music Summit (IMS), conferência realizada em Ibiza (Espanha), em 2017, a indústria de música eletrônica no nosso país cresceu 3%, chegando a U\$7,4 milhões, número que aumenta quando se trata de América Latina. Depois de cinco anos em crescimento, sofremos a primeira queda em 2018⁹, creditada à “evolução da música eletrônica e à competitividade maior dentro da cultura *mainstream*”.

A queda deste ano também pode ser associada às crises econômica e política no Brasil, afetando o setor de eventos culturais mais do que a qualquer outro. Nos últimos dois anos, no mundo inteiro, o público de eventos como festas e festivais chegou aos 19,5 milhões de pessoas, de acordo com um estudo realizado pela revista eletrônica brasileira *Backstages*¹⁰.

A cultura de música eletrônica no Brasil, ainda que tida sempre como uma manifestação artística de “menor porte”, de público e alcance limitados, tem, em detrimento do *mainstream* de DJs-estrelas como Alok e David Guetta (não brasileiro, mas um grande símbolo da *e-music* na mídia), um mercado forte, ativo e com grande caráter identitário.

O que propus, durante a produção da reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso, foi trabalhar com o público desta música. Mais especificamente de um nicho dentro

⁶*Mainstream* é um conceito que expressa uma tendência ou moda principal e dominante. Aquilo que é consumido pela maioria das pessoas, em um certo espaço ou tempo. Ler box nº 4 na reportagem para mais informações.

⁷ Programa de TV da Globo, comandado pelo apresentador Fausto Silva e conhecido por trazer apresentações musicais de artistas tidos como *mainstream*

⁸O Amsterdam Dance Event (ADE) é uma conferência e festival de música eletrônica de cinco dias que acontece anualmente em meados de outubro. O evento é organizado pela Amsterdam Dance Event Foundation. Em 2015, a conferência elegeu o Brasil como o segundo mercado mais importante da música eletrônica, perdendo apenas para os EUA.

⁹Informação disponível em: <<https://www.phouse.com.br/relatorio-ims-ibiza-2018/>>. Acesso em: 6 de abril de 2018

¹⁰Disponível em: <<http://backstages.com.br/colunas/dicas-curiosidades/industria-da-musica-eletronica-em-ascensao-no-brasil/>>. Acesso em: 6 de abril de 2018

dela. Aquele ao qual identifico como o consumidor do *underground*¹¹, não aquele que se tornou fã de Alok após seu *boom* no mercado e na mídia. Este público continua sendo parte da massa, ainda que se trate, também, de música eletrônica. Ele não precisou procurar por um festival alternativo em sua cidade para ouvir o DJ goiano, ele apenas ligou o rádio. É complicado dividir a música eletrônica entre “de massa” ou não, por isso, opto por fazer isso com o público, entre *underground* e *mainstream*, utilizando as opiniões dos profissionais e jornalistas de música que entrevistei ao longo da apuração que guiou este trabalho.

Em 2015, durante uma viagem que inicialmente era a passeio, me vi frente a frente com o fenômeno que, no primeiro momento, decidi já ser o meu objeto de estudo. Eu nunca havia ido a um festival de música eletrônica e cultura alternativa, e o Universo Paralello (UP) foi a primeira experiência que tive de algo parecido com uma *rave*¹².

Posso eleger um milhão de motivos para a paixão à primeira vista, mas o maior deles relaciono com o nome do evento grandioso. Era, de fato, um outro universo. Como procuro descrever durante a reportagem, o evento, chamado de festa, celebração, ritual e muitos outros nomes, é baseado no conceito de um estilo de música eletrônica chamado *psytrance*, o *trance* aliado à psicodelia¹³. Vi presentes no público do evento (e conseqüentemente, desse estilo musical) o que escolho chamar de regras pré-estabelecidas, um pacto social diferente, como se passado e cultivado inconscientemente, e que todos pareciam, com prazer, querer seguir. Uma cultura totalmente diferente de tudo que eu havia conhecido.

O festival não correspondia às minhas ideias de *rave*, dos famosos *clubs*¹⁴ de música eletrônica brasileiros sobre os quais sempre pesquisei e nem dos grandes festivais de música popular que já havia visitado, apesar – e isso era o que mais me intrigava – de ter todas as dimensões físicas e estruturais de um. O Universo Paralello desmontou, para mim, o ideal de um megaevento, um super festival, descrito, por exemplo, no texto “Vertigem mediática nos megaeventos musicais”, de Malena Segura Contrera e Marcela Moro:

¹¹*Underground* significa subterrâneo, em português. É um termo usado para chamar uma cultura que foge dos padrões normais e conhecidos pela sociedade, caracterizado durante este trabalho como algo que não segue modismos e geralmente não está na mídia. Não é comercial.

¹²*Rave* é chamada um tipo de festa que acontece geralmente em sítios ou galpões, *outdoor*, com música eletrônica. É um evento de longa duração, normalmente acima de 12 horas, não só com DJs, mas também pode incluir artistas plásticos, visuais e performáticos. É importante diferenciar *rave* de festival. O segundo costuma ser maior em termos de duração e estrutura, além de apresentar maior variedade em gêneros musicais.

¹³*Trance* psicodélico (ou psicadélico) é um estilo de música eletrônica, nascido do *trance* europeu, desenvolvido no fim dos anos 1980 em Israel, a partir do *Goa trance*.

¹⁴*Clubs* são como chamamos as boates, as casas de festa inteiramente voltadas para música eletrônica *underground*. Alguns exemplos no Brasil são o Green Valley (em Santa Catarina, eleito o melhor *club* do mundo três vezes pela revista *DJ Mag*) e o D-Edge (São Paulo, do DJ e estilista Renato Ratier e que recebe grandes DJs internacionais).

O megaevento é produto da modernidade, é produto da cultura de massas e só poderia se arquitetar como tal em meio à nova percepção e experiência do moderno, que se concebe, em especial, no início do século XX. Enquanto os antigos rituais e festas caracterizavam-se pela sua ocorrência em meio à comunidade, em meio às aldeias, tribos ou diferentes grupos que se constituíam como base para a sociedade arcaica, o Megaevento, o espetáculo de massa, tem como cenário a cidade moderna e, principalmente, como berço de nascimento – a metrópole e, posteriormente, a megalópole. O megaevento vem compor o espetáculo urbano (CONTRERA; MORO, 2008, p.3).

O festival em que estava não só não era um produto de uma cultura de massa, dominante, como não ocorria em meio urbano, e nunca foi um produto dele. Pelo contrário. Propositalmente “escondido” em uma cidade de 29 mil habitantes no interior da Bahia¹⁵, o Universo Paralello e seus participantes fugiam da civilização. Mais do que isso, as 20 mil pessoas que estavam ali fugiam de tudo o que parecia lembrá-la. Buscavam exatamente um afastamento.

Lá dentro, contudo, eram visíveis as características de um megaevento, como o consumo desenfreado, algo que vai contra ao conceito inicial de um evento “sustentável”. Tudo é demasiadamente caro, do ingresso à alimentação. Eu via a todo momento que as oportunidades de lucro eram aproveitadas ao máximo (objetos variados eram vendidos com a marca do festival, por exemplo), algo perfeitamente descrito pela jornalista Ana Schlimovich, em uma grande reportagem para o jornal argentino *La Nación*¹⁶, uma das que guiaram este trabalho. Um “submundo onde se vende até a sombra” e “encontro de psicodelia e bons negócios” são alguns dos termos que melhor podem descrevê-lo.

Observar essa manifestação cultural intrigante, aliada à minha experiência em jornalismo cultural, fizeram surgir essa reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso. Tendo atuado em alguns sites de cultura e entretenimento em Salvador, eu estava habituada em falar de eventos e de música, ainda que não música eletrônica. A nossa cultura musical brasileira, vista de um ângulo geral, porém, sempre foi um assunto que me interessou.

Em minha última experiência de estágio profissional, apesar de se tratar de um portal de entretenimento¹⁷, vivi uma típica experiência de redação de jornal atual: a rotina acelerada e a necessidade de imediatismo da notícia sobrepondo-se à sua qualidade e profundidade.

¹⁵Ituberá é um município localizado no sul do estado da Bahia, na região da Costa do Dendê, originado de uma aldeia de índios que chegaram na região no século XVIII. A cidade tem 29.108 habitantes, segundo o IBGE, e sedia o Universo Paralello desde 2003.

¹⁶ Reportagem “Universo Paralello, encuentro de psicodelia y buenos negocios”, disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/1876531-universo-paralello-encuentro-de-psicodelia-y-buenos-negocios>>. Acesso em: 18 de novembro de 2018

¹⁷ De março de 2016 a janeiro de 2018 estagiei no portal *iBahia* (<https://www.ibahia.com/portal-de-noticias-de-salvador/>) da Rede Bahia. A experiência em redação de portal foi o que mais contribuiu para a escolha do formato deste trabalho.

Algo que encontrei descrito perfeitamente por Renata Caroline Penzani, em “A Grande reportagem e o livro-reportagem: Ferramentas estratégicas do repórter e lugar vital das grandes narrativas jornalísticas”: “o que se convencionou chamar de *hard news* encharca o Jornalismo da obrigação impreterível de ser imediato, quente, imprescindível num dado momento” (PENZANI, 2009, p.1156).

Por querer de certa forma fugir deste padrão e adentrar mais nas formas de apuração e pesquisa, permitindo-me estender no tema e me aprofundar por seus muitos ângulos, escolhi a reportagem como forma de produto para o TCC. Um tipo de análise aprofundada e reflexão em cima de dados e fatos, juntamente com opiniões de diversas fontes sempre foi algo que eu desejei fazer. Contar uma história, sob vários pontos de vista, que possa ser fonte de conhecimento para qualquer um que a leia, não importa o tema.

É claro para mim que a música eletrônica é uma expressão cultural como todas as outras, mas que possui jargões e termos que são próprios, familiares ao seu público, mas não conhecidos daqueles que não acompanham a cena¹⁸. Busquei, portanto, tornar o tema acessível para o meu leitor, ainda que este possa não conhecer a fundo como se organiza este estilo musical. Busquei apresentar-lhe, resumindo, o Festival Universo Paralello e o que ele representa.

¹⁸ A cena é um conceito controverso, discutido por muitos autores e bastante utilizado por mim durante o trabalho. Defino como a dinâmica que uma certa expressão artística obedece durante um certo espaço e tempo. “A cena de música eletrônica”, “a cena *psytrance*”, etc.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As características de uma reportagem sempre me foram atrativas, por me darem a chance de fazer o que sempre quis: o aprofundamento. Poder escrever sem ter um número de linhas específicos para preencher, sem ter a obrigação de entregar a matéria no mesmo dia, sem ter feito uma apuração satisfatória para mim mesma. Lacunas que sempre percebi na atividade como estagiária em redação de portal.

Com a chegada da internet, dos dispositivos móveis e desta nova era informacional em que vivemos, onde a moeda mais valiosa é a rapidez, a objetividade e até a instantaneidade, principalmente no jornalismo, muitos de nós, ainda estudantes da área, nos perdemos querendo ser bons. Querendo corresponder a este ideal, de agilidade e rápida entrega, podemos deixar passar não só informações importantes, mas oportunidades de aprendizado. Técnicas, maneiras de ser criativo, de tentar uma outra abordagem ou método, de ser original e de ser efetivamente comunicador.

O que vemos hoje nos veículos jornalísticos comerciais é um trabalho em sua grande parte raso, sem diferencial ou abordagem especial, que busca primeiramente a rapidez, não a qualidade. Algo que foi observado pelos alunos da Universidade Federal do Paraná, o que resultou na experiência trazida no artigo “A Grande Reportagem como criação literária” (2008), do professor Luiz Paulo Maia¹⁹. Segundo ele, o aspecto efêmero da mensagem e a superficialidade são vilões e obstáculos para a produção de um material mais rico em jornalismo, como o livro-reportagem. O texto mostra como os alunos buscavam fugir do modelo industrial do jornalismo atual.

Na rotina da redação a pauta é elaborada ou encontrada em outro veículo, aí vem a pesquisa, apuração, escrita e publicação. Isso no caso de uma matéria “especial”, muitas vezes essas etapas nem existem. É um eterno copia e cola.

Justamente por querer conhecer uma rotina jornalística mais “densa”, mais aprofundada, escolhi tratar de um nicho no meu trabalho. No caso, a cultura relacionada a um subgênero dentro da música eletrônica. Algo que me permitisse analisar produtos especializados, como os portais e revistas eletrônicas com os quais trabalhei como fonte.

2.1 O GÊNERO REPORTAGEM

¹⁹ Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0239-1.pdf>> Acesso em: 1 de junho de 2018

A produção de uma reportagem permitiu-me ir além da instantaneidade e conhecer um pouco mais de coisas que sempre me atraíram, como o jornalismo musical e até mesmo o literário. Isso porque ela exige uma pesquisa e olhares diferenciados, que permitam não só ao repórter, mas, principalmente ao leitor, uma visão completa do assunto que está sendo tratado. A reportagem permite colocar em prática técnicas que, para mim, definem o verdadeiro jornalismo.

A matéria vai descrevendo o que encontramos pela frente e, no final, um fato inesperado permitiu dar um toque mais pessoal ao relato da viagem. O objetivo dessas matérias é fazer com que o leitor viaje junto, o repórter cumprindo sua função primeira: colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo. (KOTSCHO, 2004,p.16)

Como descreve Ricardo Kotscho em “A prática da reportagem”(2004), quase um manual de como ser um jornalista, o gênero reportagem assume uma das características que eu mais buscava: contar uma história. Através dela, eu poderia levar o meu leitor ao Festival Universo Paralello, para que ele pudesse visualizar o fenômeno e entender do que eu estava querendo tratar, ainda que não compartilhasse de minhas opiniões ou pontos de vista.

Um grande projeto de pesquisa, a grande reportagem ou o livro-reportagem envolvem um processo de apuração que parece uma teia, quanto mais você encontra, mais parece precisar. Define-se em realizar uma abordagem sistêmica e totalizante do tema, como escrevem Souza e Luíndia(2011) em “O desafio da grande reportagem: a teoria, a técnica e a prática como elementos constituintes do trabalho monográfico em jornalismo”. Trata-se de buscar os diferentes ângulos e interpretações de um mesmo tema, através das entrevistas, com vista à subjetividade e à imparcialidade.

Notei ser importante, para a construção de um texto jornalístico dessa dimensão, manter a objetividade dos fatos narrados, ainda que com um certo caráter humanizador no relato com vista a “atingir” o leitor. Uma natureza impressionista, uma literatura não-ficcional.

O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, *insight* partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos (LAGE,2001, p.15)

Nilson Lage traz ainda em outro “manual” do jornalismo moderno, o livro “Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística”(2001), alguns conceitos relacionados à importância da entrevista como coleta de diferentes interpretações de uma mesma realidade e das possibilidades dentro do gênero reportagem, a exemplo da particularização da linguagem.

Essa atitude de “escrever uma carta a um amigo”, mantendo o pé no real e na informação jornalística (diferenciando-a da notícia, LAGE, 2001), mas explorando as formas dentro do gênero, foi o que tornou a reportagem a melhor escolha para mim. Esta é a chance que temos de eliminar o caráter tão efêmero e vazio assumido pela matéria jornalística atualmente e trabalhar mais analiticamente.

A matéria “fria”, contudo, precisa ter um gancho, algo que pelo menos justifique a escolha do tema. Precisa ser relevante em algum parâmetro. Aí entra a especialização.

2.2 A REPORTAGEM ESPECIALIZADA

Todos os conceitos trazidos por Lage (2001) sobre a dinâmica dos textos de reportagem podem ser associados às especializadas, que tratam de um tema ou assunto ao qual o público-alvo já está, preferencialmente, familiarizado. Como uma das principais funções da reportagem é envolver o leitor e instigá-lo para o assunto, é natural que se queira que já haja um interesse prévio do mesmo pelo tema.

Esse interesse, se não houver, deve ser buscado o máximo possível com recursos como um bom gancho, uma abertura envolvente, uma escrita clara e concisa para todos os tipos de leitores e até mesmo um final surpreendente. Contudo, ainda segundo Lage (2001, p.16), “quanto mais específico o público, mais se pode particularizar a linguagem”. Essa particularização consiste no uso de termos e jargões próprios do tema e de uma escrita que seja fiel a ele.

Neste caso, a informação jornalística terá consumo segmentado, assim como ocorre com os produtos jornalísticos utilizados como fonte na reportagem. Neles, tive a chance de observar a produção de reportagens especializadas, nas quais não me pareceu mais haver a preocupação de conquistar um leitor, mas sim de manter satisfeito aquele já assegurado.

Uma reportagem que consiga unir jornalismo interpretativo (com boa escolha de entrevistas e fontes diversas e presença de diversos ângulos)e investigativo (com um bom

trabalho de pesquisa, levantamento de dados e observação em campo), é a reportagem bem feita. Assim, ela precisa ser especializada de qualquer forma.

As fontes escolhidas, ainda de acordo com Nilson Lage, devem ser sempre situadas no contexto, classificadas de acordo com sua relevância frente ao tema, entre oficiais, oficiosas e independentes. O grau de confiabilidade das fontes varia conforme a proximidade delas com o assunto, o fato de terem testemunhado ou serem capazes de informar sobre. Elas não devem ser buscadas para confirmar ou não uma tese do repórter, mas talvez para construí-la.

Reportar é construir uma apresentação do real feita com base não na interpretação de uma pessoa (mesmo que esta seja o jornalista), mas no fato em si. Isso não exclui, porém, o fato de que, por ser um texto mais longo e permissivo, o repórter possa expressar mais de suas inclinações do que numa matéria comum. Esta é outra ideia trazida por Renata Caroline Penzani, em “A Grande Reportagem e o livro-reportagem” (2009):

O que se vê – salvo raríssimas exceções – é a vida humana resumida em infográficos, dados estatísticos e pesquisas de opinião. Com o argumento de que não há mais tempo e nem repórteres para apurar assuntos complicados, o jornalismo escrito se desfaz das grandes narrativas e as redações trabalham com equipes cada vez menores, mal remuneradas e despreparadas (PENZANI, 2009, p.154)

A autora coloca a produção de reportagem como uma alternativa para essa automatização do jornalismo, ressaltando suas características de humanização não só do discurso do repórter, como cunhado anteriormente, mas também do próprio repórter.

2.3 CULTURA MUSICAL E JORNALISMO

A dissertação de Cláudio Manoel Duarte intitulada “Música Eletrônica e Cibercultura”, defendida em 2002 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, foi uma das principais referências para este trabalho, por trazer um pouco da dinâmica das manifestações da música eletrônica na internet. Diversos aspectos como o papel da internet na construção de cenas em determinadas regiões e algumas características do público consumidor desse estilo são observadas no texto.

De acordo com Cláudio, a cena geral de música eletrônica sempre usou suportes de divulgação independentes das mídias comerciais. As ferramentas e recursos de divulgação dos eventos e ideias em torno da música eletrônica sempre foram baseados na tecnologia, mas

totalmente independentes da grande mídia comercial. O *underground* sempre foi o campo de ação.

Foi necessário, por isso, conhecer um pouco das técnicas do jornalismo especializado musical para analisar o tratamento da música eletrônica nos veículos digitais na reportagem. A atuação do repórter de música vai de encontro ao jornalismo especializado, e consequentemente, à produção de reportagens especializadas, ao passo em que este está mais para crítico do que para um repórter.

O jornalista musical tem um grande papel de formador de opinião e até mesmo de filtro para o público, que geralmente o vê e respeita inclusive como um artista. Este aspecto que o profissional tem de conhecedor, de detentor do saber no assunto, neste tipo de jornalismo, ultrapassa o dos demais. Maria João de Andrade Isidro em “A objetividade e a subjetividade da crítica musical na era da música alternativa” classifica o crítico musical como o profissional que surge entre o jornalista cultural e o ensaísta, tendo a subjetividade como a sua maior característica na linguagem (ISIDRO, 2012).

A autora discute a noção de verdade no jornalismo musical, quase inteiramente baseado na crítica e opinião, e define ainda a música alternativa, nos veículos digitais *online*, como dona de um capital simbólico curioso. É, de fato, detentora de um grande espaço, cobiçado e cultivado pelo jornalismo musical desde sempre: o *underground*.

O artigo de Jorge Cardoso Filho e Jeder Janotti Júnior (2006), intitulado “A música popular massiva, o *mainstream* e o *underground*: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática”, mostra, através de análise do comportamento da indústria musical, o porquê:

Esse fator serve para demonstrar como na música popular massiva há uma tensão entre o sistema de produção/circulação das grandes companhias musicais (*mainstream*) e sua contrapartida, o consumo segmentado (*underground*) que acaba sendo uma espécie de espaço mítico na trajetória de expressões musicais como o Rock e a MPB. Apesar de atrelado às estratégias e lógicas do mercado, no imaginário dos fãs, críticos e colecionadores, suas canções são criativas e calcadas na “autenticidade”, enquanto a música *mainstream* possui fórmulas prontas e adequadas aos ditames do mercado cultural (JANOTTI; CARDOSO, 2006, p. 15)

Os críticos e fãs do *underground*, se colocam, assim, como especiais, mais conhecedoras de música. Os autores, porém, defendem que estas duas formas de consumo (o *underground* e o *mainstream*) são estratégias de mercado necessárias, com público e produção garantidos.

Por conta desta diferenciação, observada inclusive nos produtos jornalísticos especializados utilizados como fontes na minha reportagem, o jornalismo musical hoje se

volta para o mercado *underground*, priorizando o público segmentado (dentro do contexto cultural maior) e baseando-se na manutenção deste.

Percebe-se a ainda forte presença do jornalista musical como crítico nos produtos jornalísticos especializados em música eletrônica por meio da linha editorial dos mesmos. A produção de reportagens especiais e artigos de opinião são o carro-chefe da maioria dos portais e revistas.

2.4A LITERATURA COMO INSPIRAÇÃO

Unindo todas as características de uma grande reportagem ao caráter especializante do jornalismo cultural/musical, vejo novamente nas mãos a chance de escrever como se “escrevesse uma carta para um amigo”. A liberdade. A fuga do modelo industrial de um texto jornalístico. Impossível não passear por esse terreno sem pegar o caminho do jornalismo literário.

“Os Sertões”²⁰, de Euclides da Cunha, foi publicado em 1902, mas até hoje é considerado um dos maiores livros-reportagem conhecidos. A Guerra de Canudos, no interior da Bahia, é contada com a leveza de uma ficção, uma história que se escreve para alguém que se conhece, contando-lhe o que saltou a seus olhos. Se não fosse pela veracidade dos fatos, não seria classificado como um texto jornalístico.

No jornalismo literário, o olhar sensível do repórter, aqui mais um escritor, se apresenta o mais próximo possível da literatura, o que significa uma ligação maior com a linguagem e com o envolvimento do leitor. Outra das obras mais conhecidas do gênero, o livro-reportagem “O Olho da Rua”, de Eliane Brum²¹, reúne uma compilação de matérias sobre a vida real, tirando dela mesma o jornalismo.

A minúcia e a necessidade de observação já inerentes à reportagem, ganham, com o acréscimo da literatura, o poder da representação mais próxima possível de quem lê. Como trazido também em “A Grande Reportagem como criação literária”, o jornalismo não deve necessariamente se esquivar do fato de que todo repórter é um ser que vive e que isso pode “vazar” para as matérias que ele escreve sem que signifique algo nocivo (MAIA, 2008).

²⁰Euclides da Cunha era jornalista e presenciou uma parte da guerra como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*. O livro pode ser considerado uma obra de arte e uma produção científica, visto que se baseou em um fato real.

²¹ Eliane Brum é jornalista e um dos grandes nomes do gênero literário brasileiro. “O Olho da Rua – Uma repórter em busca da literatura da vida real” foi publicado em 2008.

O jornalismo literário permite a compreensão de uma realidade sob várias perspectivas, com o adendo da flexibilidade da linguagem, e explorando também outros assuntos que possam surgir através dele, o que pode permitir o alcance de um público de perfil mais variado.

Os textos de jornalismo literário me inspiraram na produção da reportagem por conta de seu caráter sensível e mais dinâmico, permitindo a maior profundidade do texto e uma linguagem menos “formal”. Casar esse estilo de escrita com a apresentação de dados, fatos e fontes, porém, pode ter sido o meu maior desafio.

2.5 LOCALIZANDO O FENÔMENO

Em um universo de nichos dentro da cultura *underground* da música eletrônica, identifiquei o meu: a cena *psytrance* e suas *raves*²². Era importante verificar o que a compunha. A tese “Temporalidade nômade: *raves* psicodélicas”, defendida por Nathália Moreira, em 2014, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB) traz não só o significado do termo inglês mas também uma ideia do que ele representa: “Embaladas por música eletrônica psicodélica, realizam-se ao ar livre, normalmente em locais de natureza exuberante, proporcionando experiências sensoriais diversas aos seus participantes, por meio do uso de psicoativos e das emoções partilhadas coletivamente (MOREIRA, 2014, p. 18)”.

Aqui já vemos integrada à *rave* as características do *trance*, estilo que acabou por dominar o conceito de festa *outdoor* graças às celebrações primeiras, em Goa²³. A autora a classifica assim, como *raves* psicodélicas²⁴.

Devido à peculiaridade de suas características e de suas matrizes discursivas, as *raves* psicodélicas são compreendidas como a vertente *underground* do universo das *raves*, opondo-se aos estilos tidos como *mainstream*. Nesse sentido, por *underground* entendemos um conjunto de práticas que determinam a maneira como esses jovens se posicionam entre si, como se posicionam entre outros grupos e como delimitam seus espaços na sociedade contemporânea (MOREIRA, 2014, p.28)

²² O termo *rave* é usado para designar um tipo de festa de música eletrônica que acontece em áreas abertas, em sítios ou fazendas. Elas surgiram com a música eletrônica e acabaram apropriadas pelo *trance* por conta de seu caráter de “buscar a natureza e a transcendência”. Em inglês, o termo significa “falar de modo irracional” ou “falar como em um delírio”.

²³ Cidade indiana berço do *psytrance*. Seu nome inspirou o nome de uma vertente do estilo – o *Goa Trance*, e do seu precursor, Gilbert Levey, o Goa Gil.

²⁴ Psico, em grego, significa “alma” ou “atividade mental”, somado ao sufixo *-delo*, que significa “visível”, “claro”, “evidente”. Psicodelia é uma manifestação da mente que produz efeitos sobre a consciência.

Nathália lembra ainda que, “tida como berço da espiritualidade pelos *hippies* e mochileiros, Goa, desde o início da década de setenta abrigava comunidades de *hippies* expatriados, que direcionaram as *raves* para uma vertente específica da música eletrônica: o *trance*” (MOREIRA, 2014, p. 19)

As características que passaram a compor o universo dos eventos *psytrance* (o *trance* aliado à psicodelia) foram herdadas dos conceitos do estilo, carregado de noções de espiritualidade, transcender de consciência e religiosidade. Os eventos foram totalmente revestidos do imaginário coletivo construído ao redor da cultura deste gênero musical, com o qual o seu público não só se identifica, mas se classifica (TROTТА, 2008). Não à toa muitos chamam o *psytrance* de “um estilo de vida”. O termo *rave* passa a englobar uma grande variedade de estilos e tendências, que se desenrolam proporcionalmente, em uma infinidade de símbolos, valores e práticas (MOREIRA, 2014).

Carolina de Camargo Abreu, em “Experiência rave: entre o espetáculo e o ritual” (2011), discute o termo da tribo global *rave*, construída e mantida através dos encontros e festas de música eletrônica. A autora também volta a destacar a importância da comunicação pela internet para a existência da cena de música eletrônica, de caráter profundamente digital.

O desprendimento material, a roupagem *hippie* e a ligação com a contracultura rebelde, características da celebração *trance*, também foram tema de diversas publicações do autor português Calado (2007). Em “Trance psicadélico, drogas sintéticas e paraísos artificiais”²⁵, o autor descreve os traços identitários do *trancer*, como alguém que busca o escape do cotidiano e o hedonismo exacerbado.

O autor também fala sobre a associação das drogas (substâncias psicoativas) ao movimento *trance*, como um elemento compositor do mesmo, discute as características de “artificial” e “irreal” do evento de *psytrance*, como forma a refletir um conjunto de práticas de seus integrantes. A proposta de criação de um mundo extraordinário, para abarcar as experiências buscadas pelos seres “espirituais” que os procuram. Cada evento de *psytrance* é um universo paralelo.

²⁵Texto encontrado na revista *Toxicodependencias*: Disponível em: <http://www.sicad.pt/BK/Revista/Toxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/25/2007_01_TXT3.pdf>. Acesso em: 9 de abril de 2018.

Figura 1 - Universo Paralelo 13 (2015/2016). Fonte: Foto da autora



Figura 2 – Camping no UP 14 (2017/2018) Fonte: Foto da autora



3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sem jamais ter ido a uma *rave* na vida, mas dona de um pequeno e tímido blog sobre música eletrônica, resolvi aventurar-me, em 2015, pelo Universo Paralello, festival que conhecia apenas por nome e que me havia sido recomendado por uma amiga. Recém- chegada ao universo da música eletrônica, passei a edição nº 13 do evento maravilhada com tudo o que via, mas foi a partir de minha segunda visita, na 14^a edição, no fim do ano passado, que fui com o olhar de jornalista. Não sabia que seria uma reportagem, mas já queria estudar o máximo possível o tema do meu TCC.

Neste capítulo, mostrarei os procedimentos metodológicos utilizados no decorrer da apuração e pesquisa que originaram a minha reportagem.

Figura 3 - Fila para a entrada da 14^a edição do festival (2017/2018)



Fonte:Foto da autora

3.1 OLHARCUIDADOSO

O principal ingrediente para que alguém possa escrever com propriedade e significado é a observação, sendo este um dos principais requisitos do jornalista/repórter. Olhar,

perguntar, analisar. O meu processo investigativo, neste trabalho, não foi nenhum sacrifício, dado o meu genuíno interesse pelo evento.

Desde que cheguei, em 27 de dezembro de 2017, na Praia de Pratigi, comecei a conversar com as pessoas, a conhecê-las e saber o porquê de estarem ali. Na verdade, começou bem antes, dentro do ônibus de excursão que utilizei nas duas viagens.

Tentei contato com a produção do Festival Universo Paralello durante toda a segunda edição, iniciado desde meses antes, através de Juez Petrillo, fundador do evento. Eles (sua equipe) me deram informações sobre a estrutura do evento e tiraram algumas dúvidas, porém, durante a festa, não os encontrei em nenhum momento. Utilizei os sete dias em que fiquei no evento para observar e colher o máximo de informações através de trabalhadores e artistas, extremamente acessíveis durante todo o tempo.

Donos dos restaurantes de dentro do evento, visitantes, carregadores de bagagem, vendedores, índios da região, DJs e artistas performáticos conversaram comigo e não hesitaram a dar nenhuma informação. O foco foi entender o que estavam fazendo ali. Através deles, conheci a natureza do evento e o impacto que ele gerava naquela cidade (Ituberá) e naquela comunidade da Praia de Pratigi. Ao lado do local onde acontece o UP, na mesma praia, há alguns quilômetros de distância, a vila de pescadores de Ituberá também me ofereceu descanso da música incessante e algumas fontes mais.

O trabalho de observação deu origem a um diário de campo e a toda a proximidade e sensibilidade necessárias com o fenômeno para que eu fosse minimamente capaz de apresentá-lo.

Dividi, então, as etapas da minha pesquisa em exploratória, teórica e histórica.

3.2 FONTES E ENTREVISTAS

Uma das frases que me guiou durante a produção deste trabalho foi a de Renata Penzani: “É natural que o repórter coloque mais de suas inclinações do que numa notícia comum; o desafio está em aceitar esse fato com naturalidade e inteligência” (PENZANI, 2009, p.58). A autora afirma ainda que o jornalista deve buscar a imparcialidade, ainda que tenha em mente que nunca vai alcançá-la.

Além de ter tido como fonte as pessoas e olhares que encontrei pela frente em Ituberá, precisava daquelas cujas interpretações me ajudariam a ter a visão mais completa e imparcial do fenômeno. Outros pontos de vista.

As fontes, seguindo as linhas de pesquisa, foram divididas em bibliográficas (responsáveis pela fundamentação teórica), oficiais (criadores, produtores do evento), documentais (nomes relacionados ao evento, livros e documentários sobre o tema e seus autores) e exploratórias (artistas, empresários, produtores musicais e nomes relevantes na cena de música eletrônica *underground*). O esquema de reportagem, com a divisão das fontes, responsável por guiar a reportagem, está disponível no apêndice A.

A pesquisa histórica buscou uma retrospectiva da cena, utilizando sites, portais e blogs especializados para reunir nomes de festivais precursores, artistas importantes para o surgimento da cena, demais nomes e fatos decisivos, e outros. Aqui foi importante a presença dos produtos jornalísticos especializados em música eletrônica utilizados na reportagem para situar o meu fenômeno na cena/cultura *underground* de *e-music: Phouse, DJ Mag Brasil, Play BPM* e *House Mag*. O blog *Trance – Cultura Psicodélica* também foi de extrema ajuda para pesquisa sobre o estilo musical e artistas.

Cito também dentro da pesquisa histórica autores utilizados no referencial teórico (fontes bibliográficas) como Carolina Machado Abreu e Vasco Gil Calado, que discutem as noções de *rave* e *psytrance* nos eventos musicais pelo mundo.

Ao fazer a lista de fontes, uma de minhas maiores preocupações foi a diversidade. Assim, procurei fazer com que houvesse pelo menos um representante de cada “setor”, algo no qual acho que fui bem-sucedida. A lista, disponível no apêndice B, tem três dos veículos jornalísticos especializados (pelos quais falaram seus editores-chefe, jornalistas especialistas sobre o tema), artistas de estilos diversos (*house, trance* e *drum and bass*), fotógrafo da cena, jornalistas pioneiros e referência no país, fontes bibliográficas/exploratórias e empresários/produtores musicais em atuação.

As entrevistas foram realizadas com base em um roteiro prévio, disponível no apêndice C e baseado na linha que me guiou na produção da reportagem: conhecer a fundo minha fonte e seu ponto de vista sobre o tema. Meu intuito foi investigar a relevância ou papel desempenhado pelo Universo Paralello na cena a qual essas pessoas estavam/estão inseridas.

A única fonte oficial que falou em nome do Universo Paralello foi Ekanta Jake, uma das criadoras e fundadoras do UP. O contato com a produção do mesmo foi o maior desafio nesta fase, sendo mais difícil do que o esperado no início.

3.3 OS VEÍCULOS ESCOLHIDOS

Acostumada a acompanhar as publicações em redes sociais e blogs sobre música eletrônica, especialmente o *psytrance*, eu sabia exatamente quais os maiores veículos jornalísticos especializados no tema em atuação. Busquei, junto deles, os menores, como blogs e páginas em redes sociais, para fazer um mapeamento de seu alcance.

Foram escolhidos os portais descritos no apêndice A por dois motivos: número de visualizações mensais/audiência e o fato de serem produtos *mainstream* (com um bom alcance e geradores de conteúdo e opinião) em uma cultura *underground*. Eles saltam aos olhos.

O intuito com eles era perceber o lugar de eventos como o Universo Paralello em sua linha editorial, o lugar ocupado pela música eletrônica alternativa, não-comercial. Perceber o papel desses veículos jornalísticos para a manutenção desta cena.

Como é visto facilmente na reportagem, ao falar sobre os produtos, busco fazer uma análise do tratamento dado nos mesmos ao Universo Paralello. O tipo de publicação na qual investem, no caso, *webdocumentários* e reportagens especiais. Tento ponderar sobre o motivo dessa escolha – a sedução do leitor e a venda de uma imagem valiosa do conceito *underground* - e como ela se relaciona com o caráter do evento e do próprio estilo musical ao qual se direciona.

Os veículos são todos digitais (somente a *DJ Mag Brasil* tem uma versão impressa) porque a cena de música eletrônica, hoje, é baseada nesta rede de comunicação, e é na internet que se encontram, como na maior parte das cenas musicais atualmente, os fãs e produtores de música eletrônica.

Figura 4 - Título de reportagem do portal *Play BPM*



Fonte: Reprodução/Internet

Figura 5 –Reportagem publicada no argentino *La Nación*

Fonte: Reprodução/Internet

3.4 A ESCOLHA DOS ELEMENTOS ACESSÓRIOS

As fotos e os textos complementares, que escolhi chamar de boxes, desempenham na reportagem um papel de lupa: fazer o leitor enxergar melhor sobre o que estamos tratando. Construir uma teia. Como a música eletrônica é um nicho com muitas especificações, através dos boxes e de uma linguagem facilitada, busco deixar o tema acessível para a maior quantidade de leitores possível.

Por conta disso, os boxes falam sobre *underground* e *mainstream* (dissertando sobre o significado de tais termos, importantes na reportagem), os palcos do Universo Paralelo (uma descrição de cada um, intencionando a melhor visualização possível ao leitor), os principais gêneros da música eletrônica (com a contribuição de um professor do assunto, para situar o estilo musical do qual estamos falando em um contexto maior), o produtor Goa Gil (figura central para compreender o movimento *psytrance* desde o seu surgimento), assim como uma entrevista com um jornalista pioneiro da *dance music* do Brasil – Camilo Rocha – e com um artista da cena urbana (fazendo um contraponto dentro da mesma cultura).

Outro box também traz uma espécie de perfil do DJ Alok, um artista hoje *mainstream* que começou sua carreira no *psytrance*, e é dono (herdeiro) do Universo Paralelo. O box é baseado em entrevistas feita por mim, em duas ocasiões, bem como em outras dadas pelo

artista a outros veículos. Uma de minhas preocupações com os boxes foi o tamanho. A intenção não era que fossem extensos demais.

A localização de cada box busca complementar o cenário construído com as fotos, a maior parte de minha autoria, feitas nas duas últimas edições do Universo Paralelo Festival: em 2015 e 2017. A escolha das fotos seguiu o critério de clareza e descrição: mais próximas possíveis da realidade, do olhar pessoal do visitante do festival, sem edição ou manipulação, sem ângulos profissionais. Busquei também escolher imagens de diferentes locais dentro do festival e mostrar um pouco do seu público, das pessoas que estavam ali.

Figura 6 - Público do palco Chill Out no Universo Paralelo 13 (2015)



Fonte:Foto da autora

3.5 OS DESAFIOS

A produção desta reportagem trouxe desafios que me eram totalmente inimagináveis no início. Os maiores, na prática, foram: o contato com as fontes (difíceis e demorados. A maioria das entrevistas foi feita por meios digitais), a busca pela objetividade e precisão em certas informações e manter o meu distanciamento (imparcialidade) do tema.

Quando falo em objetividade e precisão, me refiro às informações sobre a música eletrônica. Minha atuação no jornalismo sempre foi baseada na objetividade, talvez mais um traço do modelo automático e acelerado com o qual trabalhamos hoje nas redações. Escrever com absoluta certeza daquela informação ou conceito revelou-se muito difícil quando o assunto é música eletrônica. Como explico no box sobre os principais gêneros dentro do estilo, percebi que um estilo não é totalmente aquilo ali que está explicado. Simplesmente *não dá para explicar*, porque não existe consenso entre artistas, não há definição fechada. A música eletrônica é feita de opiniões. Conveniências. Imagine o quão difícil é escrever sobre algo assim?

Houve sempre a grande preocupação de passar informações erradas ou equivocadas, mais um motivo pelo qual busquei a maior variedade possível de fontes de todos os tipos. Queria o maior número de pontos de vista para evitar a parcialidade, coisa que já me amedrontava por conta de minha grande admiração pelo Festival Universo Paralello. Manter o meu relato sem palavras como “maravilhoso” ou “espetacular” foi, sim, um grande desafio.

Minha vontade de contar essa história, porém, foi maior. Assim, procurei basear meu texto em minhas fontes e pesquisas para não escorregar somente para a defesa da minha própria opinião.

Outro grande desafio foram as mudanças de rumo durante o processo de apuração da reportagem. Querendo ou não, formamos uma tese no início de tudo, temos uma linha de pensamento e queremos investigar aquilo ali. Quando, de repente, o que você acreditava se desmonta em sua frente à medida em que vai coletando as informações e entrevistas, o jeito é mudar a direção. Tal coisa é absolutamente comum com a maioria das pautas que vemos na rotina em redação, fazendo muitas vezes com que ela caia.

No meu caso, algumas crenças como, principalmente, o total distanciamento do Festival Universo Paralello da mídia, do consumo de massa e da classificação de “comercial” foram destruídas com um pouco de investigação. Precisei reformular minha linha de raciocínio quando percebi o festival como um megaevento contemporâneo, com a ajuda das referências bibliográficas sobre as manifestações culturais atuais. Eu o descobri como parte de uma indústria, um “produto do capitalismo” e criado para gerar lucro (desmistificando minhas idéias utópicas de eventos *underground* da música eletrônica). No final, tudo era estratégia de mercado.

Utilizei essa descoberta para direcionar o meu texto para a discussão do papel dos eventos *underground* dentro da música eletrônica, o que acabou se tornando o assunto

principal do texto. Uma reflexão sobre a dimensão que um nicho dentro desse estilo pode ganhar, e os motivos que permitem isso.

Elejo como o maior obstáculo encontrado (que pode ter interferido na qualidade da reportagem) a falta de números sobre o festival. Além do número de participantes, profissionais envolvidos e edições realizadas, pouquíssima coisa foi encontrada. Houve uma resistência da produção do evento em informar o número de arrecadação ou lucro obtido com o evento, por exemplo. Essas informações poderiam dar mais credibilidade e localizar melhor o fenômeno. Encontrar também dados sobre esse festival, em geral, foi algo quase impossível. O que encontrei foram rankings e especulações nos blogs e produtos jornalísticos visitados, baseados somente em opiniões dos próprios jornalistas.

Na parte estrutural, a supressão de partes do texto, com o objetivo de deixá-lo mais sucinto, até por conta do motivo citado anteriormente (minha busca por imparcialidade), também se revelou um grande desafio. Todas as informações parecem importantes ao olhar de quem as apurou. Busquei, novamente, a objetividade e a clareza, esperando ter passado o essencial do tema para quem vai ler a reportagem.

3.6 PLATAFORMA DE DISPOSIÇÃO FINAL

O projeto desta reportagem foi feito com vista a torná-la, mais tarde, parte integrante do meu blog de música eletrônica. Isso, porém, não será feito a curto prazo, visto que algumas adaptações na diagramação e estrutura serão necessárias.

A reportagem também estará disponível em meio impresso, em formato de *flyer*, para que se possa apresentá-la de maneira leve a diferentes públicos. A versão sem essa formatação (apenas o texto e boxes crus e sem imagens) também está disponível no apêndice d.

Por hora, a reportagem diagramada, é disponibilizada digitalmente e acessada através [deste link](#).

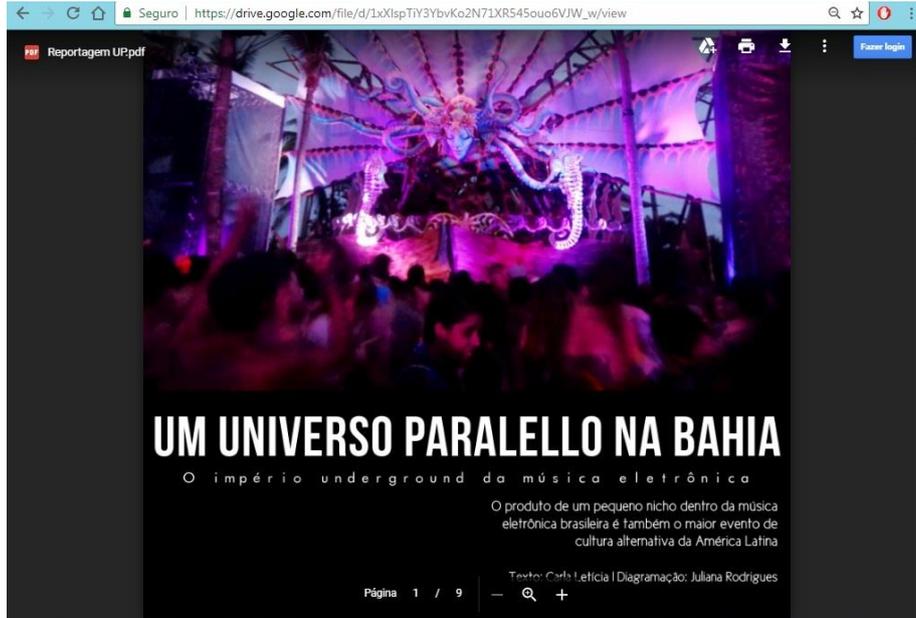


Figura 7 - Plataforma online de disposição da reportagem

Fonte: Foto da autora

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre o tema que mais me interessava, tendo como chance estudar e pesquisar um festival que me despertou grande admiração, escolhendo ainda algo que eu sempre tive vontade de trabalhar: a reportagem. Não posso dizer que este Trabalho de Conclusão de Curso foi um sacrifício para mim.

Não ter sido um sacrifício, porém, não significa que tenha sido fácil. Diversos desafios surgiram desde o projeto inicial, mudei o rumo algumas vezes e tive receios em praticamente todos os momentos. A perfeição em um texto, porém, é algo ao qual nunca me atrevi buscar.

Falar de música eletrônica revelou-se, apesar de prazeroso, uma tarefa como a de encontrar uma agulha em um palheiro. A subjetividade e a falta de consenso em opiniões tornaram a compreensão desta cultura um pouco mais difícil do que o imaginado, apesar de já haver algum conhecimento de minha parte. Descobri novos termos, novos conceitos, novos nomes, novas histórias importantes, em contato com as fontes e os entrevistados. Baús da verdade.

Relembrando todo o processo, desde a escolha do tema, das fontes, das entrevistas e dos elementos que comporiam o texto final, acredito que apenas uma coisa não mudou: o meu comprometimento em contar uma história que fosse a real. O meu relato, dedicado a um público restrito dentro da cultura de música eletrônica ou mesmo àqueles que não dominam completamente o tema, apesar de curiosos, foi feito para trazer à vista de todos um fenômeno e uma reflexão. Foi feito para acrescentar algo.

A discussão gerada em torno dos termos cultura e consumos *mainstream* e *underground* dentro da música eletrônica contribuiu para esta reflexão, tendo em vista que uma de minhas intenções era buscar (ainda que este não pudesse ser alcançado) o ineditismo, um ângulo que ainda não tivesse sido trabalhado ou discutido. Essa foi uma discussão que nasceu no meio do processo de produção da reportagem, o que, acredito, demonstra os passos seguidos para sua construção.

O texto nasceu por si só, por meio das interpretações e opiniões. Por meio do real e do fenômeno. Eu só me propus a fazer a mediação e colocá-lo no papel.

REFERÊNCIAS

10 anos de Musica Eletrônica no Brasil. Channel Ruth Slinger. [S.l.], 2001/2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4sDzyKd0LZU>>. Acesso em: 16 maio 2018.

ABREU, Carolina de Camargo. **Experiência rave**: entre o espetáculo e o ritual. 119f. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em:<http://200.144.182.143/napedra/wp-content/uploads/2013/02/Projeto-Doutorado_Carolina-Abreu.pdf> Acesso em: 14 abr. 2018.

AMARAL, A. “Apontamentos iniciais sobre a cena Witch House: a viralização de um subgênero e suas apropriações”. In: JANOTTI JR, Jeder; SÁ, Simone. **Cenas Musicais**. São Paulo: Anadarco, 2013.

ASSEF, Claudia. **Todo DJ Já Sambou**: A história do Disc-Jóquei no Brasil. 4.ed. [S.l.]: Music Non Stop, 2017.

BANDEIRA, Messias. **Construindo a Audioesfera**: as tecnologias da informação e da comunicação e a nova arquitetura da cadeia de produção musical. 2004, 199f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em:<<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Messias-Bandeira-parte-2.pdf>> Acesso em: 6 dez. 2017.

CALADO, Vasco Gil. Trance Psicadélico, Drogas Sintéticas e Paraísos Artificiais. **Toxicodependências**, Lisboa, v.13, n.1, p.21-28, 2007. Disponível em: <http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/25/2007_01_TXT3.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2018.

_____. **Drogas sintéticas**: mundos culturais, música trance e ciberespaço. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência, 2006.

CARDOSO FILHO, Jorge; JANOTTIO JÚNIOR, Jader. A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In.: ANAIS - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.midiaemusica.ufba.br/arquivos/artigos/JEDER4.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2018.

CECÍLIO, Paulo André Guimarães Couto de Oliveira. **O jornalismo musical na era digital**: a presença online da revista Blitz. 2015, 44f. Relatório de estágio de Mestrado, Lisboa, 2015. Disponível em:< https://run.unl.pt/bitstream/10362/20238/1/A%20Pre sen%C3%A7a%20Online%20da%20Revista%20BLITZ%20_%20FINAL.pdf>. Acesso em: 3 maio 2018.

COMO Diferenciar os Principais Estilos de Musica Eletrônica. Escola de Música eletrônica: 2014-2018. Disponível em:<<https://www.escolademusicaeletronica.com.br/principais-estilos-de-musica-eletronica>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

CONTRERA, Malena Segura; MORO, Marcela. Vertigem mediática nos megaeventos musicais. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Brasília, v.1, n.1, jan./abr. 2008. Disponível em:<<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/download/221/262>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

DANTAS, Matheus. Saiba quais foram os artistas mais ouvidos em 2017, segundo o Spotify. In: *Correio Braziliense*, Brasília, 2017. Disponível em:<https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/12/05/interna_diversao_arte,645_608/musicas-mais-ouvidas-no-spotify-em-2017.shtml>. Acesso em: 29 maio 2018.

DOCUMENTÁRIO Drum in Braz. Direção de Bobby Nogueira, [S.l.], 2001. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=uayb1f_5-hs>. Acesso em: 18 de maio de 2018

DOCUMENTÁRIO XXXperience – 20 Anos pelo Brasil. Roteiro de Richard Weber, [S.l.] 2017. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=Chz92EotBuY>>. Acesso em: 17 de maio de 2018

DOCUMENTÁRIO Universo Paralelo 13 - Redução de Danos Balance 2015. [S.l.], 2016 Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=SWDN_y-8V_k>. Acesso em: 15 de maio de 2018

DUDA, Lumena. Mercado da música eletrônica faturou mais de 2 bilhões de reais no Brasil em 2015. [S.l.], 2016. Disponível em:<<http://www.phouse.com.br/mercado-da-musica-eletronica-faturou-mais-de-2-bilhoes-de-reais-no-brasil-em-2015/>>. Acesso em: 15 de junho de 2018

FONTANARI, Ivan Paolo de Paris. **Rave à margem do Guaíba**: música e identidade jovem na cena eletrônica de Porto Alegre. 2003. 180f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003. Disponível em:<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3703?show=full>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

FRIT, Jimi. **Rave Culture**: an insider's overview. Smallfry Publishing, 1999.

GIL, Goa. An Interview. Busstop Internet Radio, [S.l.], 13 mai. 1995. Disponível em <<http://www.goagil.com/busStop.html>>. Acesso em 10 de abril de 2018

GYPSY Road – Phouse TV - Universo Paralelo 13 (2015/2016) [S.l.], 2016. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=JeOsMJwXDxs>>. Acesso em:23 de fevereiro de 2018

INTERNATIONAL music summit 2018: balancing our business. [S.l.], 2018. Disponível em:< <https://www.internationalmusicsummit.com/international-music-summit-2018-balancing-our-business/>>. Acesso em: 20 de junho de 2018

ISIDRO, M. J. A. **A Objectividade e a Subjectividade da Crítica Musical na Era da Música Alternativa**. 2012, 82f. Dissertação de Mestrado- Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2012. Disponível em:<<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/5160/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Mestrado%20CCTI%20.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2004.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. [S.l.; s.n.], 2001. Disponível em:<https://issuu.com/emanuellimeira/docs/a_reportagem_teorica_e_tecnica_de_entrevista_e_pesq>. Acesso em: 31 maio 2018.

LEMOS, André. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”? In: *Contemporânea*, Salvador, v.2, n.2, p. 9-22, dez. 2004 Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/%0BviewFile/3416/2486>>. Acesso em 20 mar. 2018.

LIMA, E.P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp,1993.

LIMA, Tatiana Rodrigues. Os hits do bit e a dança nas fronteiras do underground, a música de nicho e o mainstream. In: *Contemporânea*. Salvador, v.13, n.3, p.692-707, set./dez. 2015. Disponível em:<<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13633>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MAIA, Luiz Paulo. A grande reportagem como criação literária: a experiência da Universidade Federal do Paraná. In.: ANAIS - CONGRESSO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL,9., 2008. Guarapuava – PR: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0239-1.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2018.

MOREIRA, N. A. **Temporalidade nômade**: raves psicodélicas. 2014, 178f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em:<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19419/1/2015_NathaliaAraujoMoreira.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

N. NETO, Fernandino Rodrigues do; BRITO, Rosildo Raimundo de. Livro-reportagem: uma análise da prática da grande reportagem nos Projetos Experimentais do curso de Jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP). In.: ANAIS - CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, 12. Campina Grande – PB: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0544-1.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2018.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PENZANI, Renata Caroline. A grande reportagem e o livro-reportagem: ferramentas estratégicas do repórter e lugar vital das grandes narrativas jornalísticas. In.: ANAIS - SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO CIDADÃ, 2., 2. Bauru, 2009. Disponível em:<<http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/lecotec2009/anais/1154-1165PENZANI.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

SACRAMENTO, Adriana Prates; SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de (Org.). **Pragatecno: uma outra cena da mesma**. Salvador: DaMãeJoana Casa Editorial. 2015.

SANTOS, Sérgio Wladimir Cazé dos. **Percursos da música eletrônica**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1998.

SCHLIMOVICH, Ana. Universo Paralello, encuentro de psicodelia y buenos negocios. *La Nación*, [S.l.], mar 2016. Disponível em:<<https://www.lanacion.com.ar/1876531-universo-paralello-encuentro-de-psicodelia-y-buenos-negocios>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

SOUZA, Cláudio Manuel Duarte de. **Música Eletrônica e Cibercultura: ideias em torno da Socialidade, da Comunicação em redes telemáticas e Cultura do DJ**. 2003. 184f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em:<<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Claudio-Manoel-Duarte-de-Souza.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SOUZA, Cristiane Naiara Araújo de; LUÍNDIA, Luiza Elayne Azevedo. O desafio da grande reportagem: a teoria, a técnica e a prática como elementos constituintes do trabalho monográfico em Jornalismo. In.: ANAIS -CONGRESSO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORTE, 10., 2011. Boa Vista - RR. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/254256825_O_desafio_da_grande_reportagem_a_teor_a_tecnica_e_a_pratica_como_elementos_constituintes_do_trabalho_monografico_em_Jornalismo>. Acesso em: 1 jun. 2018.

SILVA, M. T. Jornalismo musical: estratégias enunciativas e retóricas. Contributos para uma análise discursiva. **Revista Comunicação Midiática**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 12-35. 2014. Disponível em:<[file:///C:/Users/Particular/Downloads/Dialnet-Jornalismo Musical-4790781.pdf](file:///C:/Users/Particular/Downloads/Dialnet-Jornalismo%20Musical-4790781.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2018.

TROTTA, Felipe. Gêneros musicais e sonoridade: construindo uma ferramenta de análise. In: *Ícone*, Recife, v. 10 n.2. 2008.

_____. Música e mercado: a força das classificações. In:*Contemporânea*, Salvador, v.3 n. 2., 2005.

GLOSSÁRIO

BPM:	Sigla para “batida por minuto”, é uma velocidade rítmica. Usada para medição da pulsação do coração humano e do andamento musical
Dancefloor:	“Pista de dança” em inglês
Dance music:	Estilo que surgiu a partir da música eletrônica e da disco music. A música disco ou simplesmente "discoteca" foi um gênero musical surgido na década de 1970. Hoje, esse termo designa todos os estilos que surgiram pela e-music
Disc-jóquei	Disc-jockey ou disc-jóquei é a palavra que dá origem à sigla DJ. Significa ao pé da letra “montador de disco”. É o profissional que seleciona e reproduz composições (em música eletrônica ou não), previamente gravadas ou produzidas na hora para um determinado público alvo, trabalhando seu conteúdo
E-music:	Música eletrônica
Fanzine:	Revista/publicação feita para fãs
Indoor:	Palavra em inglês que designa eventos realizados em ambientes fechados
Line up:	Lista de atrações/artistas que se apresentarão no evento
Open format:	“Formato aberto”, em inglês. É como é chamado um set que não segue apenas um estilo específico
Outdoor:	Palavra em inglês que designa eventos realizados em áreas abertas, como as raves
Players:	Palavra em inglês utilizada para designar DJs e produtores de música
Rebranding:	Estratégia de marketing no qual uma organização ou empresa decide alterar seus elementos identificativos para formar uma nova identidade. Algo como uma relaboração da marca
Set:	Repertório de músicas criado e/ou selecionado pelo DJ para uma apresentação
Show	
business:	Indústria de espetáculos. Como é chamado o mercado do entretenimento
Vibe:	Espécie de energia coletiva gerada no público em um evento de psytrance ou de outro estilo. O termo em inglês significa “vibração”.
Warm up:	Evento de aquecimento para a festa principal

APÊNDICE A – Esquema da reportagem

ESQUEMA PARA REPORTAGEM

Tema: O Universo Paralello Festival e sua relevância para a música eletrônica brasileira

Título: Um Universo Paralello na Bahia: o império *underground* da música eletrônica

Subtítulo: Um dos maiores festivais de cultura alternativa da América do Sul – e maior do Brasil - é um produto nacional de um nicho específico

Público-alvo: fãs e admiradores da música eletrônica em suas variadas vertentes; consumidores de música.

O que pode interessar ao público-alvo: saber o conceito e história do festival, sua relevância para a música.

Enfoque: o papel desse evento na cena de música eletrônica nacional voltada para as vertentes *underground* (fora da grande mídia).

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

1. 1. “Música Eletrônica e Cibercultura: idéias em torno da Socialidade, da Comunicação em redes telemáticas e Cultura do DJ” (2003). Dissertação de mestrado de **Cláudio Manuel Duarte de Souza**.
2. Música pop, e-music, mídia e estudos culturais - Cláudio Manoel Duarte de Souza
3. E-music, ciberespaço e underground - Cláudio Manoel Duarte de Souza
4. SACRAMENTO, Adriana Prates; SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de (Org.). PRAGATECNO — uma outra cena da mesma. 1ª edição (ebook). Salvador: DaMãeJoana Casa Editorial. 2015.
5. "Construindo a Audioesfera: as tecnologias da informação e da comunicação e a nova arquitetura da cadeia de produção musical (2004)". Tese de doutorado de **Messias Bandeira**.
6. O jornalismo musical na era digital: a presença online da revista Blitz - **Paulo André Guimarães Couto de Oliveira Cecílio**
7. A música popular massiva, o mainstream e o underground - trajetórias e caminhos da música na cultura midiática - **Jorge Cardoso Filho/ Jeder Janotti Júnior**
8. **Silva, M. T.** (2014). Jornalismo musical: estratégias enunciativas e retóricas. Contributos para uma análise discursiva.
9. **Isidro, M. J. A.** (2012). A Objectividade e a Subjectividade da Crítica Musical na Era da Música Alternativa. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
10. Trance Psicadélico, Drogas Sintéticas e Paraísos Artificiais – **Vasco Gil Calado**. Na revista toxicodependências

11. CALADO, Vasco Gil. Drogas sintéticas: mundos culturais, música trance e ciberespaço. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência, 2006.
12. **ABREU, Carolina de Camargo**. Experiência rave: entre o espetáculo e o ritual. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
13. **MOREIRA, N. A.** Temporalidade nômade: raves psicodélicas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília.
14. **Jimi Frit** (1999). Rave Culture. an insider's overview. Local de publicação: Smallfry Publishing. 284 páginas. ISBN 978-0-9685721-0-8
15. Comunicação e Consumo de música no Ciberespaço. Dissertação de mestrado de **Daniel Pala Albeche** – Universidade Católica de São Paulo.2012.
16. Rave à margem do Guaíba – música e identidade jovem na cena eletrônica de Porto Alegre. Dissertação de mestrado de **Ivan Paolo de Paris Fontanari**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003.
17. Vertigem mediática nos megaeventos musicais - **Malena Segura Contrera e Marcela Moro**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação- Brasília, 2008.
18. Os hits do bit e a dança nas fronteiras do underground, a música de nicho e o mainstream. **Tatiana Rodrigues Lima**. Artigo emContemporânea – Comunicação e Cultura. Bahia, 2015.
19. **AMARAL, A.** Apontamentos iniciais sobre a cena Witch House:a viralização de um subgênero e suas apropriações. In:JANOTTI JR, Jeder; SÁ, Simone.CenasMusicais. São Paulo: Editora Anadarco, 2013.
20. Percursos da música eletrônica. **SérgioWladimir Cazé dos Santos**. Projeto Experimental Apresentado ao Curso de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1998.
21. Livro-reportagem: uma análise da prática da grande reportagem nos Projetos Experimentais do curso de Jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP). **Fernandino Rodrigues do N. NETO e Rosildo Raimundo de BRITO**. Paraíba, 2010.
22. **KOTSCHO, Ricardo**. A prática da reportagem. São Paulo: Ática, 2004.
23. **PENA, Felipe**. Jornalismo literário. São Paulo: Contexto, 2008.
24. O desafio da grande reportagem: a teoria, a técnica e a prática como elementos constituintes do trabalho monográfico em Jornalismo - Cristiane Naiara Araújo de Souza e Luiza Elayne Azevedo Luíndia- Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Manaus, AM , 2011
25. Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística. **Nilson Lage** 2011
26. A grande reportagem como criação literária: a experiência da Universidade Federal do Paraná1 **Luiz Paulo MAIA** Universidade Federal do Paraná 2008
27. A GRANDE REPORTAGEM E O LIVRO-REPORTAGEM: FERRAMENTAS ESTRATÉGICAS DO REPÓRTER E LUGAR VITAL DAS GRANDES NARRATIVAS JORNALÍSTICAS Renata Caroline Penzani 2009

28. **LIMA, E.P.** Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp, 1993.

FONTES OFICIAIS

Juarez Petrillo – criador-fundador e produtor do festival Universo Paralello e da gravadora Vagalume Records

Ekanta Jake – criadora-fundadora e produtora do Universo Paralello (ex-esposa de Juarez)

UniversoParalello.org – site oficial do festival

FONTES DOCUMENTAIS:

ASSEF, Claudia. Todo DJ Já Sambou: A história do Disc-Jóquei no Brasil. Brasil: Music Non Stop, 2017. 4ª Ed. 307 p.

Diário de Campo feito por mim durante a 14ª edição do festival

La Nación- “Universo Paralello, encuentro de psicodelia y buenos negocios” (2016)

DOCUMENTÁRIOS:

10 Anos de Música Eletrônica no Brasil – Ruth Slinger

Drum in Braz – Bobby Nogueira

XXXperience – 20 Anos pelo Brasil

Gypsy Road – Phouse TV - Universo Paralello 13 (2015/2016)

Universo Paralelo 13 - Redução de Danos

RELACIONADOSUNIVERSO PARALELLO:

Vagalume Records - gravadora

UP Audiovisual – canal YouTube

Grupo Facebook – Universo Paralello (31 mil membros)

UP Club Records – gravadora (Alok)

FONTES EXPLORATÓRIAS:

JORNALISTAS – (escrevem sobre música eletrônica no Brasil/Bahia):

Camilo Rocha – Jornalista e DJ- fundador coletivo Pragatecno – (90 a 93) Bizz, O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde, O Globo.

Cláudio Manoel – Jornalista e DJ (Angelis Sanctus); referência bibliográfica

Cláudia Assef – Jornalista, DJ e escritora; *Todo DJ Já Sambou*

Gaia Passarelli – Jornalista e escritora – colunas Ilustrada, Bizz e Rolling Stones Brasil

Luciano Matos – Jornalista, DJ (El Cabong) e Programa Radioca; DJ El Cabong

Adriana Prates – DJ e produtora Pragatecno

PRODUTOR MUSICAL

Felipe Senne – fundador do selo Hub Records e dono do site Make Music Now

Luiz Sala – DJ Feio – fundador XXXperience

PRODUTOS JORNALÍSTICOS ESPECIALIZADOS

DJ Sound (Fernando Sarmiento – editor)

Revista Phouse (Luckas Wagg e Flávio Lerner – editores)

DJ Mag Brasil (Rodrigo Airaf – editor)

Play BPM (Victor Flosi e Rodolfo – editores)

Wonderland in Rave (Yohan Augusto)

ARTISTAS

Alok – brasileiro mais ouvido no mundo e filho dos fundadores do UP Paralello – começou no trance;

Mauro Telefunksoul – precursor da cena eletrônica em Salvador. Atualmente foca em bahia bass/drum and bass

Danilo Nazca – precursor da cena trance na Bahia. Fundador coletivo Soononmoon – Aurora e Terra em Transe Festival

Rodrigo Bouzon– fundador da produtora Concept Content, mais atuante hoje em Salvador, responsável por trazer as festas UP Club e 303 Stage (oriundas do UP) a Salvador

Marky – pioneiro do estilo Drum and Bass no Brasil; levou estilo para o mundo

Vegas – brasileiro celebridade no mundo do trance progressivo

Rica Amaral – mentor da festa de psytrance XXXPerience, está na cena eletrônica desde de 1995

Murilo Ganesh – fotógrafo brasileiro especializado na cena trance

Russo Passapusso – fez sua primeira apresentação no UP em 2017 .

Guilherme Souza –DJ *Fullmode*; professor Curso Para DJs Salvador;

ELENCADOS PARA PESQUISA:

FESTIVAIS MAINSTREAM BRASIL

Rock in Rio

Planeta Atlântida

Skol Beats (antigo – um dos primeiros)

Ultra Brasil

Tomorrowland Brasil

Lollapalooza Brasil

XXXPerience

Dream Valley Festival .

Tribe

Kaballah

FESTIVAIS UNDERGROUND RELACIONADOS AO UP:

OZORA (Bélgica)

Burning Man (EUA)

Mundo de Oz (São Paulo)

Pulsar (Minas Gerais)

Samsara (Minas Gerais)

Soulvision (São Paulo)

Zuvuya (Goiás)

Ressonar (Bahia)

Terra em Transe (Bahia)

Boom Festival (Portugal)

CLUBES/BOATES UNDERGROUND BRASILEIRAS:

Green Valley (SC)

Laroc Club (SP)

D-Edge (SP)

DEMAIS SITES/PÁGINAS PARA REFERÊNCIA:

Projeto Pulso - artigos e reviews

Backstages – portal

Site Pragatecno – artigos

Blog Cláudio Manoel – artigos

Blog Psicodelia

Blog Fotografia e Cia

Site Purpletrance

Grupo no Facebook Universo Paralello – 31.961 membros – principal canal de interação entre o público

Trance – Cultura Psicodélica - trance.com.br

APÊNDICE B –Lista de entrevistados

Adriana Prates

Ekanta Jake

Camilo Rocha

Cláudio Manoel Duarte

Gaia Passarelli

Claudia Assef

Luciano Matos

Adriana Prates

Murilo Ganesh

Mauro Abreu – Telefunksoul

Paulo Vilela – Vegas

Felipe Senne

Luiz Sala – Feio/Salla

Luckas Wagg (Phouse)

Flávio Lerner (Phouse)

Rodolfo Reis (Play BPM)

Rodrigo Airaf (DJ Mag Brasil)

Rodrigo Bouzon

Guilherme Souza

APÊNDICE C – Roteiro de perguntas

*As perguntas variavam muito conforme a fonte, inclusive, porque precisavam ter número mais reduzido. Foram especificadas segundo o trabalho, o campo de atuação e as experiências de cada uma. Abaixo, porém, segue uma linha geral do que foi perguntado.

Roteiro de perguntas - Pesquisa exploratória

:: ENTREVISTAS::

1 – Para fonte do Festival Universo Paralello:

- Como surgiu o Universo Paralello e a sua carreira? Uma coisa foi ligada à outra?
- Qual a média de público e artistas em cada edição? Qual o tamanho da equipe que faz hoje o festival?
- Você diria que o festival influenciou o crescimento da cena de música eletrônica no Brasil de alguma forma? Que "impacto" você acha que ele teve/tem?
- O UP que acontece hoje, no que diz respeito ao conceito e proposta, ainda é o mesmo da primeira edição? O que mudou?
- A Praia de Pratigi recebe desde 2003 o festival. Há alguma contrapartida para a população, alguma ação é feita na cidade? Como os moradores recebem o evento?
- É correto afirmar que o estilo que “carrega” o festival é o *trance*? Como você definiria o evento musicalmente?
- Você lê ou acompanha algum site ou revista sobre música eletrônica? Qual?

2 – Para fontes especialistas/jornalistas/escritores:

- Quando você começou a escrever sobre música eletrônica? Como aconteceu? Onde trabalha atualmente?
- Você conhece o festival Universo Paralello? Você acha que este evento teve alguma influência na construção da cena de música eletrônica no Brasil? Como você acha que ele reverbera entre os artistas e público do estilo?
- Você acha que os produtos jornalísticos digitais especializados online (portais e blogs) desempenham hoje algum papel em prol da cultura de música eletrônica no Brasil? Qual?
- Você diria que o Universo Paralello é um produto cultural baiano?

3 – Para os jornalistas - editores e repórteres dos produtos especializados (*DJ Sound, Phouse, Play BPM e DJ Mag Brasil, Wonderland in Rave*):

- Em que ano a revista/portal iniciou suas atividades? Sempre foi inteiramente voltada(o) para a música eletrônica? Quantos profissionais trabalham hoje para o portal?
- Qual a linha editorial? Que tipos de conteúdos são criados para o site e quais geram mais audiência?
- Vocês diferenciam os seus leitores de algum modo, dividindo-os por gênero, idade, profissão?
- Quais são os números de visualizações mensais do portal?
- Como é o tratamento da cultura/eventos/artistas tidos como *underground* no portal?

4 – Para os artistas:

- Quando você começou a tocar? Seu estilo sempre foi o *trance*? Por que? Como você vê a cena atual do estilo?
- Você lê ou acompanha algum site ou revista sobre música eletrônica? Qual?
- Como você vê a cena de música eletrônica hoje, na Bahia? O que mudou desde que você começou?
- Como foi a sua apresentação no UP? Foi a sua primeira vez no festival? Já tocou em outros festivais/raves *trance*?
- Tocar no UP teve alguma importância pra você como artista? Em que lugar/evento você tocou e foi mais significativa pra você?
- Na música, o que é o *underground* para você?

5 – Para os produtores e empresários:

- Há quanto tempo você trabalha com música eletrônica? Como vê a cena atual?
- Qual você acha que é o espaço do *trance*, por exemplo, no musical brasileiro atualmente? Qual o maior desafio para esses artistas?
- Você conhece o festival Universo Paralello? No que diz respeito tanto a artistas quanto ao público, você diria que esse festival tem/teve alguma influência na cena de música eletrônica do Brasil?

APÊNDICE D – Reportagem e boxes

*Estão indicados os locais onde os boxes são sugeridos na reportagem. Todos estão disponíveis logo após o texto principal, logo abaixo.

Um Universo Paralelo na Bahia: o império *underground* da música eletrônica

O produto de um pequeno nicho dentro da música eletrônica brasileira é também considerado o maior evento de cultura alternativa da América Latina

Vinte e sete de dezembro de 2017. Já são mais de sete horas dentro do ônibus saído de Salvador. Há algumas paradas rápidas apenas para comer e fumar um cigarro, mas sem descanso. A estrada vai ficando pior a cada quilômetro, a cada pequeno povoado que passa como um relâmpago pela janela empoeirada. Gente da Argentina, Chile, Colômbia, Peru. Tem de um tudo na excursão, mas todos estão calados por conta do cansaço. Alguns poucos aproveitam para dormir o máximo que podem. São aqueles que já viveram a sua estreia no festival. Sabem que vai piorar.

Percorri caminhos diferentes em minhas duas incursões ao paraíso artificial baiano da música eletrônica, em 2015 e em 2017, sua última edição. A grande rotatória, primeira imagem que se tem da antes desabitada Praia de Pratigi, na cidade baiana de Ituberá, no sul da Bahia, não é nada animadora para aqueles ávidos pelo ideal paradisíaco do litoral baiano, rodeado por belos coqueiros e areia branquinha. O lugar é um verdadeiro caos, completamente abarrotado de ônibus, bugues e carros de boi. Barracas de lanches e artesanatos dominam a vista, junto com grandes cartazes chamativos.

Depois do desembarque, pegamos o transporte que nos leva pela trilha de terra na mata escura até a entrada oficial do Festival Universo Paralelo (UP), evento de cultura alternativa realizado há 18 anos no Brasil. Esse transporte é organizado pelos moradores da pequena região indígena da Costa do Dendê, já treinados e habituados a receber seus visitantes barulhentos uma vez a cada dois anos, desde 2003. Eles são parceiros dos donos da festa e também oferecem outros serviços lá dentro, como restaurantes e carregamento de bagagens, ficando com a metade do lucro. A outra metade é dos produtores do evento.

Se embrenhando na mata, um dos vários carros de boi coloridos e enfeitados, com uma lâmpada pendurada por um varal improvisado no teto, carrega em média 15 pessoas por viagem (pela qual cada uma pagou R\$50,00), além dos quilos de bagagem. Quinze quilômetros depois, estamos na praia. Ou quase.

Mochilas e mais mochilas em uma confusão de gente, lanternas, cadeiras de praia e objetos diversos se amontoam na fila mais desorganizada que se pode imaginar. Pessoas não param de

chegar. É possível ouvir todos os sotaques do mundo, em diferentes línguas. Todas ao mesmo tempo. A entrada no festival que custa quase R\$2 mil (valor individual incluindo a excursão, o ingresso em primeiro lote e os sete dias de alimentação dentro da festa) pode acontecer daqui a algumas horas ou só no dia seguinte. Muitos montam acampamento ali mesmo, enquanto outros antecipam a festa e começam a cantar, dançar e fumar.

A demora é por conta da revista. A bagagem de cada um dos 20 mil visitantes (número de participantes das edições de 2015 e 2017, de acordo com a produção do festival) é aberta em cima de uma mesa por uma fila de incontáveis seguranças de camisa preta. Mas isso só depois de trocarmos o ingresso físico ou virtual pela pulseira de pano onde se lê “Universo Paralello”, seguido do número da edição do evento.

São sete dias de muita dança nos quase 3 km de praia fechados para a festa, morando em barracas e rodeados pelo mar, muitos coqueiros e pelo famoso manguezal da Praia de Pratigi, que abastece os chuveiros coletivos feitos de bambu. Mais de 700 DJs da *Eletronic Dance Music (EDM)* mundial e também artistas da MPB se dividem em seis palcos, um em cada hora, 24 horas por dia. Uma cidade paralela, em um mundo paralelo, com uma comunidade paralela altamente organizada e autônoma.

O megaevento

O Festival Universo Paralello foi um produto trazido do Goiás e abraçado por Ituberá. Foi em 2000, de um estilo musical e uma cultura ainda emergentes no país, que surgiu do casal de DJs e produtores goianos Juarez Petrillo e Ekanta Jake a ideia deste evento, uma festa grande que reunisse os recém-nascidos fãs daquela arte. A música era o estranho *trance* psicodélico, estilo eletrônico com raízes na Índia e em Israel, no fim da década de 80. Com base nele, o Universo Paralello nasceu, já com esse nome e 300 pessoas no *dancefloor*. A primeira vez foi no centro-oeste do país, na Chapada dos Veadeiros.

“O UP foi uma ideia que tive quando morava na Holanda, queria fazer um ano novo na Bahia, mas quem colocou em prática foi o *Swarup* (nome artístico de Juarez Petrillo), meu marido na época”, conta Ekanta Jake, pioneira do *psytrance* no Brasil e DJ há mais de 25 anos. O casal, ao lado dos filhos Bhaskar e o hoje mundialmente conhecido Alok, seguia assim a onda das festas *rave* privadas que aconteciam desde a década de 90 nas praias de Trancoso, já na Bahia.

[Box 7 – A atração principal da festa]

Dezoito anos mais tarde, na pequena Ituberá, monta-se uma vez a cada dois anos no réveillon uma estrutura comparável a de um megaevento internacional, que atende a um público que ultrapassa as 21 mil pessoas, incluindo os artistas, mas que continua sendo de produção totalmente independente. Mais três mil formam a equipe de produção, de acordo com Ekanta: “A equipe de idealização e produção que chamamos de interna tem 100 pessoas, e é dessa que eu faço parte. Estamos sempre crescendo e evoluindo. Vamos nos adaptando à medida em que o ‘universo’ pede”. Hoje, o UP é considerado pelos produtos jornalísticos especializados (ou não, a exemplo do argentino *La Nación*) o maior festival de *trance* da América Latina.

Dentro da área do festival, além dos palcos, tem-se uma “praça” de alimentação, pronto-socorro, lojas e áreas de convivência, assim como o espaço do Projeto Circulou, realizado há 12 anos no UP. “Fazemos várias oficinas na cidade de Ituberá, antes do festival começar.

Geramos muitos empregos dentro e fora dele, fazemos reformas no hospital, disponibilizamos ambulâncias, etc. Tudo através do Circulou”, diz Ekanta. A produtora afirma que a cidade recebe atividades diversas para a população de pouco mais de 29 mil habitantes, como produção de cosméticos e culinária; reformas e pinturas em espaços públicos; shows, teatro e poesia para crianças e adultos, dentre outros tipos de intervenções.

Atua ainda dentro da festa o Coletivo de Redução de Riscos e Danos Balance, que tem grupos reunidos em diversos estados do Nordeste, e atua juntamente ao serviço médico dentro da festa. “A gente passa dois anos se preparando, capacitando a equipe para que consigamos dar conta desse público(...). O propósito da nossa equipe é dar suporte para pessoas que, pelo uso excessivo de drogas, desencadeiam crises psíquicas durante o festival”, explica Guilherme Storti, membro do coletivo, no documentário “Universo Paralello 13 -Balance - Redução de Danos”, disponível no YouTube.

Universos dentro de outro

Em 2017, pequenas edições que funcionam como uma “amostra” do evento aconteceram na psicodélica Goa, na Índia, e até Paris. No caso da cidade indiana, berço do *psytrance*, não foi a primeira vez e se trata de uma Free Promo Party, uma festa para promover o UP. Já Paris recebeu a Route 303 Stage, um evento que também nasceu do festival e leva o nome de um dos seus palcos. Outras cidades pelo mundo também já receberam festas do UP organizadas por Juarez Petrillo e sua equipe, a Vagalume Records. A gravadora/produtora nasceu em 2004 e é responsável pelo Universo Paralello e pelas festas derivadas, além de manter em seu *casting* uma parte dos artistas de *trance music* brasileiros, como Nevermind e Vegas.

Outra que também se originou do festival foi a UP Club Records, gravadora criada em 2015 por Alok, para dar voz a produtores independentes e sem espaço no mercado. O UP Club, que também nomeia um dos palcos do festival, seguiu o mesmo caminho da Route 303 Stage e se tornou uma festa itinerante que acontece pelas capitais do Brasil, levando geralmente artistas de *techno*, *house* e *psy* na boléia.

Em abril deste ano, Salvador recebeu uma edição da UP Club, amplamente divulgada como “um pedaço do Universo Paralello na cidade pra você” pela produtora Concept Content, a maior em atuação no segmento atualmente na cidade. “A gente tava trabalhando lado a lado com pessoas que tem 20, 30 anos de carreira. São pessoas extremamente experientes, que fazem um negócio como o Universo Paralello, não só nacional como mundial, que atende a pessoas do mundo todo. E você trabalhar e interagir com essa equipe... foi mágico. O público foi em torno de três mil pessoas, e o resultado foi muito positivo”, conta Rodrigo Bouzon, DJ e fundador da empresa.

[BOX 1 – Os seis planetas]

Eis o bate-estaca!

“Ao contrário do que o estereótipo permite supor, os DJs fizeram história”. A frase da jornalista Claudia Assef é uma das que iniciam o livro *Todo DJ Já Sambou* – a publicação mais popular no país sobre a história da música eletrônica nacional. Claudia, que atualmente

escreve sobre o tema no site e editora Music Non Stop, dentro do [UOL](#), é uma fiel defensora dos *disc-jóqueis* brasileiros, sendo ela mesma uma integrante da categoria. “O Universo Paralello acontece numa região onde a gente não tem uma cena tão fervilhante, ou pelo menos não tinha. Atualmente a Bahia está voltando a se firmar no cenário”, afirma Claudia.

O cenário a que a escritora se refere é aquele que envolve o *trance* psicodélico – o *psytrance*, e a cultura alternativa relacionada a ele, que ganhou de muitos fãs e artistas o nome de cultura *trance*. “A proposta do festival é de arte e cultura alternativas, mas o Main Floor (palco principal) é de *psytrance*, assim como o *psytrance* foi o que impulsionou e nos levou ao conceito de tudo”, conta a fundadora do festival Ekanta Jake. Trata-se de um nicho, um pequeno universo na galáxia dos gêneros e subgêneros que compõem a *EDM*, termo que engloba todos os demais (ler “*Os principais gêneros da música eletrônica*”).

Cada um dos estilos de música eletrônica tem atualmente um tipo de público e evento segmentados, nascidos conforme o imaginário coletivo construído ao redor dele. O caráter ambientizador e produtor de sentido do gênero musical – um termo defendido e destrinchado pelo pesquisador carioca Felipe Trotta em alguns artigos sobre a sonoridade nos estilos brasileiros – é algo facilmente observado nas cenas relacionadas aos estilos da *e-music*.

A estética *trance*, tanto na música quanto na cultura que se formou ao seu redor, busca a formação de uma comunidade alternativa criada fora da sociedade massiva atual. Um pacto social totalmente cultivado por aquelas pessoas, durante aquele espaço e tempo. Sempre foi possível encontrar os conceitos de shamanismo, espiritualidade, hinduísmo e até budismo entrelaçados ao *trance*, cuja tradução em português é transe, algo que diz muito sobre ele.

As batidas repetitivas e os sons eletrônicos progressivos têm a função de provocar um estado quase hipnótico no ouvinte, algo comumente intensificado pelo uso de substâncias psicoativas – daí vem sua associação a elas. Este estado intenciona a libertação emocional e espiritual, um transcender de consciência, como defende o criador do estilo, o músico americano Goa Gil, em entrevista ao portal *Trance – Cultura Psicodélica* (ler “O mago da pista”). No evento *trance*, todos os participantes são levados a entrar neste mesmo “ritual” de dança e introspecção, a compartilharem da mesma energia coletiva, a *vibe*.

[BOX 2 – Os principais gêneros da música eletrônica]

No *dancefloor*

Murilo Ganesh, um fotógrafo reconhecido da cena, construiu sua profissão exclusivamente sobre o nicho formado ao redor desta cultura. Ele vive da psicodelia e da admiração de muitas pessoas por essa cultura, andando de festival em festival. “Tudo começou com um *hobby* e uma paixão de adolescente. Comecei a trabalhar em alguns sites de divulgação de baladas, e foi aí que tudo começou a fluir”, conta ele, que atualmente tem mais de 100 mil seguidores em redes sociais como o *Instagram*.

Ganesh já participou de 11 edições do Universo Paralello e é figura carimbada em festivais do estilo, como o Ozora (Hungria) e Boom Festival (Portugal), por exemplo. Para ele, o evento

nacional tem um diferencial. “O que faz o UP ser especial é o público brasileiro. Nós temos uma energia incrível e estar em um local paradisíaco também ajuda muito”, opina.

O curioso *psytrance* trouxe consigo uma forma de festejar que já era marca em outros estilos, mas que com ele ganhou uma nova roupagem *hippie*: a *rave*. Em sua dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, intitulada “*Temporalidade nômade: raves psicodélicas*”, de 2014, Nathalia Moreira descreve não só o novo parâmetro trazido pela psicodelia às festas *rave*, como utiliza o Festival Universo Paralello para exemplificar. Segundo ela, a *rave* passa a englobar uma enorme variedade de estilos e tendências, que se desenrolam proporcionalmente, em uma infinidade de símbolos, valores e práticas.

As festas *trance* acontecem geralmente em áreas abertas, o mais inseridas possível na natureza virgem. Em lugares distantes dos centros urbanos, onde nenhuma interação com a “civilização” seja possível ou buscada. Essas festas, em sua maioria, não têm patrocínio, são de produção independente, com número de participantes limitados e muitas vezes estrutura precária. A duração de uma *rave trance* é de no mínimo 12 horas, ganhando por isso essa nomenclatura, diferente de uma festa normal. Quando dura mais do que um dia, já é considerada um festival.

O estilo vem ganhando muito espaço na cena de música eletrônica do país, que segundo o produtor musical Felipe Senne, está em uma de suas melhores fases. “Artistas *brazucas* estão lotando eventos, grandes hits estão sendo feitos por aqui, e vemos um interesse gigante do mercado *mainstream* do show *business* brasileiro voltando seus olhos para os DJs nacionais”, comenta. Senne é dono do curso de produção musical online Make Music Now e sócio-fundador do HUB Music Group, trabalhando com a administração da carreira de artistas, além de uma gravadora e editora.

Os precursores

“Nós abrimos o mercado para tudo que existe hoje em dia”. Quem afirma é Luiz Sala, mais conhecido como DJ Feio ou agora também DJ Salla. Artista pioneiro do *psytrance* no país, ele e Rica Amaral fundaram em 1996 a XXXperience, a primeira *rave* do Brasil. A festa de dimensões gigantescas (quatro palcos, mais de 50 atrações e 30 mil de público na época de seu surgimento) foi responsável pela divulgação do *trance* por aqui, e até hoje é considerada um marco para a história da nossa própria música eletrônica.

Atualmente, milhares de pessoas lotam cada edição da festa, que acontece por todo o país, em várias cidades, e há quem diga já ter ultrapassado as fronteiras do *underground*. “O Brasil é um país sem memória. Se a XXXperience tivesse sido criada no Japão, Alemanha, França, Holanda, enfim, em qualquer lugar, menos no Brasil, seríamos vistos com os reis da *e-music* mundial, já que fomos os primeiros a levar a música eletrônica em nível nacional”, protesta o DJ Feio.

Em 1996 também surgia o Planeta Atlântida, festival que acontecia no litoral gaúcho, mas que nunca se voltou totalmente para a música eletrônica. Ambos, porém, não chegaram na dimensão que o gigante Rock in Rio desfrutava desde 1985. O que se vê nestes eventos atualmente são palcos e espaços exclusivos voltados para a música eletrônica, coisa que não

acontecendo na época de seu surgimento. Esse foi o diferencial que uma marca de cerveja conseguiu enxergar, em 2000. O festival Skol Beats foi o primeiro exclusivo de *EDM* no Brasil, uma aposta na cultura jovem e descolada que começava a tomar conta das pistas e que trazia os maiores consumidores da bebida.

O evento da cervejaria tentou cobrir os principais estilos de música eletrônica, incluindo até mesmo o *trance*, que acabava de ganhar, no mesmo ano, o Universo Paralello. “Nós abrimos as portas para que as empresas patrocinassem as festas, abrimos um novo mercado, que de 300 pessoas em cada festa naquela época, cresceu para 30 mil ou mais”, conta o DJ Feio, que hoje em dia trabalha com agenciamento de artistas e *label* de festas, além de fazer alguns *warm ups* (eventos de aquecimento para a festa principal) do brasileiro Lukas Ruiz, o Vintage Culture, um dos mais conhecidos DJs de *house music* da atualidade.

Paraísos artificiais

A cultura de *e-music* brasileira, porém, tem muito de fora, a começar pelos termos, todos em inglês e sem tradução. Alguns eventos chegaram aqui importados com nome e tudo, como é o caso do gigante belga Tomorrowland, que reúne mais de 150 mil pessoas e é um símbolo do alcance da cultura de música eletrônica em nível mundial. Por aqui, o evento acontece no interior de São Paulo.

Outro exemplo grande é o Ultra Brasil, nossa versão do Ultra Music Festival, um evento realizado anualmente em Miami(EUA), mas que também acontece hoje em diversos outros países como Argentina e Espanha. No Brasil, a última edição contou com 20 mil pessoas e três palcos, também em São Paulo, apesar de já ter sido realizado no Rio de Janeiro.

[BOX 3 – O mago da pista]

Um dos mais antigos e emblemáticos da cultura alternativa, porém, é o Burning Man. Nascido em 1986 nos EUA, onde acontece até hoje, o festival costuma atrair mais de 50 mil pessoas e foi o primeiro a trazer a ideia de formação de uma comunidade alternativa ao mundo dos eventos musicais. Depois, é claro, do lendário Woodstock, em 1969, o pai de tudo o que veio a surgir com estética *hippie*. Nos tempos atuais, o Ozora e o Boom Festival são o sonho de consumo dos novos fãs e profissionais do *psytrance*. Os eventos datam do fim da década de 90 e reúnem de 30 a 50 mil pessoas em pequenas cidades no interior da Hungria e Portugal, respectivamente.

Esses últimos foram alguns dos exemplos tomados por produtores brasileiros para tentarem as suas próprias experiências no terreno do *psytrance*, assim como Ekanta e Juarez. Depois do Universo Paralello, temos hoje diversas opções pelo Brasil, nascidas todas nos últimos 15 anos. Os mais procurados são o Mundo de Oz, o Samsara (ambos em Minas Gerais) e o Zuvuya (Goiás). Esses eventos reúnem de duas a três mil pessoas.

Capitaneados pelo Universo Paralello, o filho mais velho, muitos outros eventos *trance* nasceram tendo a Bahia como cenário. Esse é o caso do Festival Terra em Transe, com primeira edição em 2014, atualmente realizado na cidade de Jandaíra. Ele é uma alternativa bienal para o público, realizado nos anos que não tem UP – já que ninguém consegue

competir com ele por aqui. Produzido pelo coletivo Soononmoon, existente desde 2006 no estado, o festival nasceu do outro produto da empresa, a já tradicional e polêmica *rave* Aurora, que teve sua última edição embargada pela justiça em Camaçari, em junho de 2018. Por conta disso, não se sabe ainda se a edição deste ano do Terra em Transe será realizada.

Na linha dos festivais destaca-se ainda o Ressonar, festival de cultura alternativa que acontece todos os anos na Chapada Diamantina, na região da cidade de Lençóis, e reúne a mesma média de público dos dois eventos anteriores: duas mil pessoas. A festa acontece toda primeira lua cheia do ano, logo após o réveillon do Universo Paralello, e tem uma duração que varia. Em 2018, foram dez dias de evento.

A ideia de pessoas simples e não civilizadas, desprendidas de luxo e glamour, conectadas pela música e distantes dos padrões impostos pela sociedade de massa, é algo comumente relacionado aos festivais *trance*, assunto trazido em textos como o do autor português Gil Calado, intitulado *Trance Psicadélico, Drogas Sintéticas e Paraísos Artificiais*, publicado em 2006 na revista *Toxicodependências*. *Paraísos Artificiais*, inclusive, também é o nome do filme brasileiro de Marcos Prado, lançado em 2012, que retrata os festivais e *raves* psicodélicas do país como nenhum outro havia feito até então. O longa teve cenas gravadas em pequenos eventos realizados em Pernambuco no ano anterior e gerou, claro, muita discussão entre a crítica.

Psicodelia neles

A maneira como tudo se desenrolou no Brasil pode ser explicada por um dos primeiros a apostar no *trance* no país, o DJ Feio. Segundo ele, o *psytrance* sempre foi *underground*. “Os clubes na época tinham uma máfia e não deixavam o *psy* ser tocado, isso foi o motivo de criarmos a XXXperience... Eles deram um tiro no próprio pé e acabaram criando um monstro que éramos nós”, diz ele.

O estilo tinha, de início, um grande espaço no Brasil, era a novidade, ganhando só depois o status de estilo *underground*. “Pelo mundo ele nunca foi superior ao *house*, *tech-house*, *techno*... Apenas no Brasil ele tinha supremacia. Agora, ele se tornar comercial, acredito que não. Mas já é muito popular no meio da galera que quer ter liberdade, e não se sentir acuado em um clube fechado por quatro paredes e um teto, que em dia de lua cheia, você não pode vê-la”, afirma Luiz Sala, resumindo o pensamento de todo fã do *trance*.

A ideia de que o estilo está voltando agora a cultivar um público por aqui também é compartilhada pelo produtor Felipe Senne, no mercado desde 2007. “O *psy* foi muito popular entre 2003 e 2008 no Brasil, perdeu força (algo natural em qualquer gênero musical), mas está voltando a ter muita atenção através da sua transformação no que chamam de ‘*prog trance*’”, afirma ele, se referindo a uma das vertentes do *trance*, o progressivo.

O *prog* é, inclusive, o estilo do DJ Paulo Vilela, conhecido por seu projeto Vegas, o maior nome do *psytrance* em atuação no Brasil. “Assim como o *house*, espero que um dia o *psytrance* seja tão reconhecido como qualquer outro estilo. Somos mais que um estilo de música, somos uma filosofia de vida”, defende o produtor, que faz cerca de 20 shows por mês e tem mais de 300 mil fãs no *Facebook*. Como ele, projetos como Nevermind, Cosmic Light, Digital Culture e Second fazem sucesso pelas pistas das *raves* de *trance* psicodélicas brasileiras. A lista é imensa.

Nas manchetes

No contexto do surgimento dos festivais, os veículos informativos especializados apareceram, ainda tímidos e com foco no *mainstream*. Em 1990, o jornalista Camilo Rocha, um dos primeiros a escrever sobre música eletrônica no Brasil, começava seu trabalho na coluna Dance Music, na revista *Bizz*. “Foi uma consequência de gostar deste tipo de música. E não apenas da sonoridade inovadora, mas do contexto em torno, desde a ruptura com a mentalidade ‘machocêntrica’ e os dogmas estéticos do rock às festas pacíficas e inclusivas”, relembra. Sua coluna ficou conhecida no mundo da música e se tornou uma referência para artistas e um público que começava a surgir. Camilo escreveu ainda para *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde* e *O Globo* (ler “Com a palavra, Camilo Rocha”).

[BOX 4 – Com a palavra, Camilo Rocha]

Dois anos antes, porém, o futuro já acontecia com a Noite Ilustrada, na *Folha de S. Paulo*. A coluna escrita por Erika Palomino contava o que acontecia nos clubes da periferia da cidade, local onde a cena *underground* urbana nascia e fervilhava. Ela criou também o Prêmio Melhores da Noite Ilustrada, algo que impulsionou os artistas da época com sua valorização. “Fazia-se uma *house* super saudável na época. Esse frescor que eu trouxe das coisas é que apareceu com muita legitimidade no jornal. (...) O que era visto como coisa de gueto, hoje já é entendido como uma manifestação de cultura jovem e global”, conta Erika no documentário *10 Anos de Música Eletrônica no Brasil*, de Ruth Slinger, de 2001, focado na cena do Rio de Janeiro e São Paulo.

O surgimento da música eletrônica também foi registrado em 1997 pelo *Rraurl.com*, site feito pela jornalista paulistana Gaía Passarelli e mais dois jornalistas. “Comecei a escrever para manter o site atualizado e gostei porque eu era uma mocinha muito cheia de opinião e ali encontrava espaço para falar o que queria. Hoje parece ingênuo, mas na época a gente era muito revolucionário”, diz ela. Já o movimento das publicações no nordeste do país, região onde hoje o *psytrance* encontra maior espaço, começou a aparecer só algum tempo mais tarde.

Coletivos no Nordeste

Cláudio Manoel Duarte de Souza, o DJ Angelis Sanctus, foi uma das figuras importantes do nascimento da cultura ligada à música eletrônica no Nordeste. Mais do que um *disc-jóquei*, ele ajudou a iniciar um movimento coletivo de construção de uma ideia por aqui. Essa ideia, em 1998 (oficialmente), ganhou o nome de Coletivo Pragatecno.

“Em 1997, eu e três amigos ouvíamos quase o mesmo som e decidimos publicizar, através de reuniões ampliadas e festinhas, o que ouvíamos. Decidimos criar um grupo que pudesse assinar nossas festas. Mais pessoas foram se agregando. Cada um trazendo diferentes contribuições pessoais. Gente da fotografia, do designer, da moda, produtores musicais, DJs, promoters... Foi um marco porque deu visibilidade e mobilizou novos grupos em outras cidades no Norte e Nordeste”, descreve ele. A iniciativa formou coletivos em Belém, Fortaleza, João Pessoa, Recife, Maceió e depois Salvador.

Os coletivos criaram uma cadeia de comunicação na internet, com a ajuda das redes sociais, e possibilitaram a atualização de um público em várias regiões do Brasil, incluindo o interior da Bahia. E essa acabou sendo a sua maior forma de buscar informação sobre o assunto. Um banco de dados construídos por eles para eles mesmos.

Por volta de 1998, o jornalista Luciano Matos criou um blog especializado em música *underground* (não necessariamente eletrônica) em Salvador. “Há mais de 20 anos eu comecei a escrever sobre música, sentia falta de coberturas de um cenário mais independente. Em 98 eu criei um *fanzine* em papel, depois fiz o blog, depois fiz o site e comecei a trabalhar na imprensa”, diz ele. Luciano é dono do portal [El Cabong](#), nome que utiliza como DJ.

Atualmente, diversos sites, revistas e blogs especializados ganharam o seu espaço e estão fazendo a festa dos fãs de música eletrônica brasileiros. Uma delas é a revista *DJ Sound*, fundada por Fernando Sarmiento, que já tem quase 30 anos de existência e ainda resiste em forma de portal. Resiste não. Ela existe. E vai muito bem, obrigada. Outra que também é referência no segmento é a revista *HouseMag*, também focada em um cenário *mainstream* da *e-music*.

[BOX 5 – Underground X Mainstream]

Para a cena eletrônica, revistas eletrônicas

A publicação especializada mais conhecida hoje, porém, é a revista eletrônica [Phouse](#) criada pelo jovem baiano Lucas Wagg, em 2013. Segundo ele, trata-se da maior plataforma de música eletrônica da América Latina atualmente, com quase meio milhão de acessos mensais. “Produzimos conteúdo para toda e qualquer pessoa que tenha interesse por música eletrônica, seja do cenário *mainstream* ou *underground*. Tenha ela 14 ou 50 anos”, garante o empresário. Os números da *Phouse* ultrapassam a da famosa *Billboard Brasil*, de acordo com os dados disponíveis no site [SimilarWeb](#).

Em agosto do ano passado, outro portal, que antes se chamava *Play EDM*, sofreu uma mudança, um *rebranding* da marca. “As pessoas acabaram adotando o termo *EDM* como música comercial, apesar de ser um termo que engloba todos os demais, então tinha muito preconceito por conta do nosso nome carregar *EDM*. Por isso a gente não conseguia conversar com o público do *underground*”, conta o editor-chefe Rodolfo Reis. Segundo ele, no hoje chamado [Play BPM](#) o tratamento desses públicos é diferenciado, assim como as pautas: “É muito difícil de falar porque são públicos realmente bem diferentes. E eu acho que tem que ser diferente a forma de ser tratado também”. O portal tem média de 40 a 50 mil acessos mensais e dez pessoas na equipe - redatores, fotógrafos, videomakers e freelancers.

Já a [DJ Mag Brasil](#), que também tem uma versão impressa e é derivada da estrangeira, tem 30 mil acessos mensais. No site atuam agora um diretor, um editor, uma assistente editorial e uma equipe de redatores freelancers sob demanda. “Para a edição impressa, esta equipe se une ao time da [DJ Mag Latinoamérica](#) em Buenos Aires. São eles que cuidam de todo o design, diagramação e impressão da revista”, explica o editor Rodrigo Airaf. “Inevitavelmente o *mainstream* é o *core* editorial de um modo geral, porém, há uma ajuda considerável no site a talentos emergentes do cenário alternativo e eventos regionais que estejam ‘causando

barulho’, bem como conteúdo sobre os principais *players* do mercado não-comercial”, garante o editor.

Com uma equipe pequena e até mesmo instável, os sites fazem um apanhado sobre o cenário nacional e internacional de música eletrônica, e atuam fazendo notas rápidas sobre artistas, acontecimentos e furos, além da divulgação de eventos. Artigos de opinião e reportagens especiais são a carta coringa de todos eles. “Buscamos mesclar os conteúdos mais populares com conteúdo *underground*, que não vai nos trazer tantos acessos, mas ajuda a solidificar nossa imagem plural e eclética”, explica o editor-chefe da *Phouse*, Flávio Lerner.

Em 2015, a *Phouse* investiu em um documentário sobre o Festival Universo Paralello, gravado por três repórteres e veiculado no seu canal, a [Phouse TV](#). O programa se chama “Gypsy Road” e mostra as três moças se aventurando pelo litoral baiano, vivendo intensamente naquilo que mais parece um paraíso sem regras. Diversas coberturas feitas por canais independentes no Youtube investem no mesmo formato: contar uma história com belas imagens de aventura. Um deles, o mais visitado, é feito pela própria produção do festival e se chama UP Audiovisual. O canal tem mais de 40 mil inscritos, com número de visualizações que ultrapassam os 300 mil em um vídeo.

O tratamento geral dos portais e blogs especializados vai de encontro à subjetividade e à crítica, traços conhecidos do jornalismo musical, porém, mais carregados da aura encantadora e utópica que envolve a ideia dos festivais *trance*. Geralmente, como na Revista *Phouse* e no *Play BPM*, tratam-se de artigos especiais de opinião ou matérias longas e cheia de detalhes, focando na experiência vivida pelo repórter durante os dias de festival.

O relato do profissional é, na maioria das vezes, acompanhado de imagens suas do evento, o mais próximas possíveis do “seu olhar pessoal”, o que serve ainda mais ao apelo visual já construído no texto. Na mídia ou no ingresso do festival, em ambos os casos, é vendida a experiência, a aventura. Aquela única e especial, diferente de tudo o que você está acostumado e que promete te tirar da zona de conforto e torpor da rotina urbana e estressante. Para os produtos jornalísticos, *ouderground* é uma estratégia de mercado, com público assegurado e valioso.

“O papel desses veículos é fundamental. Eles apoiam e divulgam uma cena que sem esse apoio de uma estrutura de mídia ficaria muito difícil(...). Hoje a gente não precisa mais daquele veículo grande como antigamente. Antigamente todo mundo lia a *Folha de S. Paulo*, o *Estadão*, o *Globo*, a *Veja*. Hoje em dia não mais”, defende a escritora e jornalista Claudia Assef.

O público do *underground*

Rodrigo Bouzon, DJ e dono da produtora de eventos Concept Content, se apresentou pela primeira vez no Universo Paralello em 2017. “Foi uma realização pessoal muito grande. A pista tava bem vazia quando eu tava tocando, e no decorrer do set foi enchendo. Era nítido que as pessoas vinham de vários lugares do mundo diferentes (...) Não tenho nem explicação de como é aquele lugar”.

[BOX 6 – Uma outra religião]

A também baiana Adriana Prates, DJ, pesquisadora integrante do coletivo Pragatecno, é frequentadora do festival desde 2006, e tenta definir o perfil de público dentro do evento: “Dá pra dizer que ele não é muito variado em termos de raça e classe, por exemplo. São pessoas majoritariamente brancas e de bom poder aquisitivo – dá para deduzir o alto poder aquisitivo porque podem pagar pelo ingresso (que é bem caro) além das despesas com deslocamento (passagens, etc), gastos com água e comida durante o festival (porque as coisas são caras lá dentro), etc. Também noto que a maioria vem de fora do estado, especialmente do Sul”, diz ela. De novo, o valor do *underground*.

O “tempero” emprestado pela Bahia ao Universo Paralello, após 12 anos quase um produto legítimo seu, parece ter contribuído para a receita do sucesso do festival na cena *trance*, mas também fora dela. “O UP é muito importante para trazer novas pessoas para dentro da música eletrônica, acho que quem vai e tem uma experiência no Universo Paralello tende a ficar nesse universo. Fica muito maravilhado com aquela grandiosidade”, descreve a escritora e jornalista Claudia Assef.

Os megaeventos de música eletrônica, mais especificamente aqueles voltados para a cena *trance*, são um nicho tão específico e segmentado que se perdem em um universo de nichos, tidos como irrelevantes em um contexto maior, mas que em todos os aspectos significam e ressignificam a história de um estilo musical no âmbito mundial, de um público consumidor de uma cidade. De uma pequena cidade no interior da Bahia.

BOXES:

BOX 1 - Os seis planetas

Seis planetas formam o universo paralelo do festival bienal baiano. Seis arenas de dança que buscam abarcar juntas o maior número de pessoas fãs de diversos estilos da música eletrônica, e até da MPB. Cada uma delas é independente, tem quase uma vida própria e acabaram “saindo do festival”, dando nome a festas itinerantes que acontecem pelo Brasil. Para entender do que se trata esse universo, é necessário conhecer um pouco de cada uma. Leia a seguir:

TORTUGA

Neste palco você encontraria mais facilmente os DJs que mais gostam de brincar com o grave e passear por ritmos como o *hip hop*, o *drum and bass*, o *trap* e o *bass music* – esses dois últimos vertentes nascidas dos estilos principais - e outros. Isso não significa, porém, que *psytrance*, *house* ou outros estilos não sejam encontrados por lá. Muito pelo contrário. Todos os palcos do Festival Universo Paralello têm como regra principal e primordial o caráter democrático, e o Tortuga soma a isso a função de divulgar novos talentos e artistas emergentes em suas regiões.

Poderiam com certeza ser 303 pistas em uma só! Porém, todas seriam voltadas para o *trance*. O 303 Stage é dedicado a todas as vertentes do *psytrance*. DJs que têm o "dedo pesado" para subgêneros como *dark psytrance* e *hi tech* costumam estar em sua maioria por aqui. *Goa*, *fullon e prog* (vertentes do *psytrance*) também não podem faltar e definem o o palco de 300 faces. O 303 está localizado fisicamente no coração do UP, e é preciso passar por ele para chegar em qualquer canto da festa.

CHILL OUT

Time to chill! Quase todo festival *trance* tem um Chill Out, que muito além de um estilo ou área física, é um conceito. O termo em inglês significa “relaxar”, e é justamente isso. Se você quer desacelerar, repor as energias mas sem perder o ritmo, este é o seu lugar. Ao chegar no Chill Out, você pode (ou não) se surpreender com muita gente dormindo... ou que só parecem estar dormindo.

As características técnicas da música *chill out* são uma velocidade mais baixa, uma BPM (Batida Por Minuto) mais baixa ou até inexistentes, unidas a sintetizadores harmoniosos e calmos. Além disso, podem possuir sons da natureza, como pássaros, ondas, águas e outros. Instrumentos da música clássica como piano, flauta, violão e outros vocais femininos também podem compor uma música *chill out*.

PALCO PARALELLO

O Palco Paralello é aquele lugar onde você pode encontrar o seu cantor favorito no Universo Paralello. Ou você tava achando que só tem espaço pra DJ por lá? No palco se apresentam artistas que são revelações do rap, MPB, blackmusic, reggae, hip hop ou qualquer outro estilo alternativo que tenha a cara da festa. Nas duas últimas edições, os shows incluíram Lenine, Russo Passapusso, B Negão, Criolo e Emicida.

UP CLUB

Voltando às *dancefloors*, chegamos à área mais *mainstream* do Universo Paralello. Este palco já se tornou também uma marca muito forte por si só, e hoje é um dos maiores selos de *house music* do Brasil. Projetos de DJs como Alok, CatDealers e Boris Brejcha são aqueles que sabemos que fazem parte do UP Club mesmo sem terem sido divulgados: eles têm a cara da pista, super sofisticada e mais "glamourosa" do que o *trance* “pé no chão” das demais. Não significa dizer que seja diferente na estrutura, porém. *Techno*, *deephouse*, *eletro house*, *minimal* e muitos outros têm como casa o UP Club.

MAIN FLOOR

Chegamos então ao ápice. Tudo no Universo Paralello converge para o *Mainfloor*, o palco principal da festa. *Psytrance*, *house*, *tecno*, *dark*... Poderíamos passar os sete dias de festa só no *Main*. Localizado geralmente perto da maior parte dos *campings* e da praça de alimentação, sua decoração é a mais aguardada de todo o festival.

Os maiores DJs de *psytrance* do evento com certeza se apresentarão aqui, em frente a uma plateia gigantesca: a área dedicada ao *Main* tem quatro vezes o tamanho das outras pistas.

Box 2 - Os principais gêneros da música eletrônica

O DJ baiano Mauro Telefunksoul, pioneiro no *bass music* soteropolitano, ao comentar sobre os principais estilos da música eletrônica, a *Eletronic Dance Music (EDM)*, os chama de “os quatro elementos”: “O *house*, o *techno*, o *drum and bass* e o *trance*. Tudo vinha deles”. Pouco a pouco diversas outras variações surgiram e criaram vida própria, trazendo novas características para esse jogo, que tem muitas outras variáveis.

“Se você tentar mapear todos os gêneros que existem, não vai conseguir. É impossível. São muitos e você vai sempre cair no conflito de opiniões. Gêneros que para umas pessoas é assim, pra outras é “assado”, pondera Guilherme Souza, DJ do projeto FullMode e professor há dois anos do Curso Para DJs, escola de música eletrônica em Salvador.

“O gênero na música eletrônica também passa muito por ciclos. O *techno*, por exemplo, vai estar em alta e daí vai saturar, e aí vai vir alguém e vai reinventar, trazendo alguma coisa de algum outro gênero. Foi assim com o *future bass*. Ele nasceu do *trap* apenas com uma pequena variação de sintetizadores”, exemplifica Guilherme.

Com a ajuda do DJ, traçamos um pequeno mapa dos principais estilos da música eletrônica abaixo:

HOUSE:

Estilo tem variações entre 118 e 135bpm, apesar de apresentar batidas mais lentas no seu surgimento. É a música de pista, aquela que caracteriza a maioria dos DJs que você ouve no rádio. É o gênero mais próximo do pop, considerado o mais *mainstream*. Alguns de seus subgêneros (vertentes) são: *progressivehouse*, *deephouse*, *electro house*.

Alguns artistas do gênero: David Guetta, Avicii e o trio SwedishHouseMafia (formado por Axwell, Steve Angello e Sebastian Ingrosso). No Brasil, Vintage Culture é um bom representante.

TECHNO:

Essencialmente dançante, de ritmo acelerado e melodia monótona. O uso criativo da tecnologia de produção de música, como tambores e sintetizadores é visto como um aspecto importante da estética da música techno. O tempo tende a variar entre aproximadamente 120 a 150 batimentos por minuto, dependendo do estilo do techno.

Alguns artistas do gênero: Carl Cox, o brasileiro Gui Boratto e a também brasileira ANNA.

BREAK-BEAT:

Utiliza a técnica do back-to-back, dois discos iguais e um mixer. É mais conhecido como uma música que se caracteriza pelos samplers de ritmos como *hip-hop*, *funk* e *electro* e que logo se modificam e alteram para criar os denominados “breaks”.

Alguns artistas do gênero: The Prodigy e FatboySlim.

DRUM AND BASS:

O gênero é caracterizado por batidas rápidas, próximas a 170 BPM (Batida Por Minuto). Incorporou elementos de culturas musicais como o *dancehall*, *electro*, *funk*, *hip-hop*, *house*, *jazz*, *metal*, *pop*, *reggae*, *rock*, *techno* e *trance*. Tem grande influência da música brasileira, por ser um dos estilos que se desenvolveu inicialmente por aqui.

Alguns artistas do gênero: Marky, o duo Noisia e Rudimental. O soteropolitano Mauro Telefunksoul também é um expoente do estilo.

TRANCE:

O gênero, nosso assunto principal aqui, é caracterizado pelo tempo entre 130 e 190 bpm, com partes melódicas de sintetizador e uma forma musical progressiva durante a composição (variantes conforme a vertente). O estilo é derivado do *house* e do *techno*, com seus sons industriais, que parecem menos melódicos. Temos também o surgimento do *trance* psicodélico, o *psytrance*, uma variação nascida com o desenvolvimento do estilo em Goa, na Índia, mais ligado à espiritualidade. Suas vertentes obedecem diferentes variações dentro do padrão musical, sendo algumas delas o *fullon*, *progressive* e o *dark psytrance*, *hi tech*... (a lista tem tantas outras que o espaço nem daria).

Alguns artistas do gênero: Armin Van Buuren, InfectedMushroom e Ace Ventura. No Brasil: Vegas.

MINIMAL:

Vertente minimalista que segue aquele ditado “*less is more*” (menos é mais). 'Minimal techno' é geralmente considerado como o subgênero minimalista derivado do *techno*. É caracterizado pela repetição de batidas e sons, ou seja, pelo uso de um mínimo de elementos de composição.

Alguns artistas do gênero: Boris Brejcha, Ricardo Villalobos e Deadmau5

DUBSTEP:

O gênero é marcado pelo uso intenso de sub graves, sendo quase como uma adoração aos sons de frequências baixas e também marcados pelos “*bass drops*” ao fim da introdução da música. Os elementos mais dominantes na estrutura da música são introduzidos de forma impactante.

Alguns artistas do gênero: Skrillex, Diplo, Benga e KnifeParty.

Box 3 - O mago da pista

São 16 horas da tarde e é o primeiro dia do Festival Universo Paralello. Já aconteceram atividades desde às 8 da manhã, mas nenhuma música foi ouvida até o momento. O *camping*

já está lotado e tem gente por todos os lados, mas um único espaço está intransitável de tão abarrotado. A maior parte do público está concentrada lá, no palco 303, esperando o ritual começar. O ritual de 24 horas do mago Goa Gil.

Vinte e quatro horas em cima do palco. Essa era a proposta inicial. Na prática foram 27. Sem comer, sem descansar, sem dormir. Coisa até possível para os jovens DJs cheios de energia de hoje, mas estamos falando de um senhor de 67 anos de idade. “Esse cara destrói cérebros!”, grita alguém ao longe, em meio a uma expectativa geral pelo set que já estava duas horas atrasado. Gilbert Levey nasceu na Califórnia, em 1951. Aos 18 anos, com o início do enfraquecimento do movimento *hippie* nos EUA, se mudou para a Índia, para iniciar uma viagem espiritual. Viagem essa que hoje leva milhares de jovens pelo mundo a embarcarem no *trance* psicodélico, estilo criado por ele na cidade de Goa, nome pelo qual ficou mundialmente conhecido.

“As primeiras festas eram fogueiras na praia onde tocávamos guitarras, bateria, flautas, em festas de lua cheia... tudo surgiu disso”, conta o mago na entrevista reveladora concedida no ano passado ao portal *Trance - Cultura Psicodélica*. O artista é chamado assim desde o nascimento dos seus disputados rituais, como são chamadas as suas apresentações em formato *long set* (shows mais longos do que o normal).

Gil foi o precursor do *goa trance*, vertente dentro do estilo também desenvolvido inicialmente por ele, o *trance* psicodélico. Acredite, eles são diferentes. Pense no primeiro como um derivado do segundo, que pode ter (como de fato tem) incontáveis outras vertentes e subgêneros.

Ao chegar mais perto do palco para ver de perto, pela primeira vez, essa lenda viva da cultura psicodélica— que ele caracteriza como uma união entre música e espiritualidade que tem o objetivo de fazer o ouvinte transcender a consciência. Gil está lá, movimentando-se sem parar, organizando a mesa de som do seu jeito: velas, panos coloridos, objetos como imagens de Buda e alguns outros que não dá para distinguir. Ele só inicia o ritual quando tudo está devidamente “energizado”. “Desde o início dos tempos, a humanidade usou música e dança para comungar com o Espírito da Natureza e o Espírito do Universo... Estamos usando a música *trance* e a experiência que ela dá para desencadear uma reação em cadeia na consciência, isto é o que chamamos de ‘Redefinir o Ritual Tribal Antigo para o século XXI’”, explica ele na entrevista ao portal *Trance - Cultura Psicodélica*.

De fato, as horas seguintes foram de incessantes sons tribais antigos unidos a toques futurísticos, psicodélicos e animalescos da música eletrônica contemporânea. O objetivo é claramente levar aquela multidão ao transe. Ao *trance*. Dormi, acordei, caminhei pelos 15 quilômetros de extensão de praia, comi, dormi mais um pouco e voltei. Ele continuava lá, com a mesma disposição do início. Aquela de 1990.

Box 4 - Com a palavra, Camilo Rocha

Um dos primeiros jornalistas a escrever sobre *e-music* no Brasil, Camilo Rocha ajudou a formar a cena nacional *dadance music* na pioneira revista *Bizz*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde* e n' *O Globo*, além da revista britânica *Muzik*. Conheça um pouco do melhor jornalista especializado eleito duas vezes pela Rio Music Conference, a atual BRMC, maior conferência de música eletrônica da América Latina:

Como você começou a escrever sobre música eletrônica? Você acompanha a cena hoje?

Foi uma consequência de gostar deste tipo de música. E não apenas da sonoridade inovadora, mas do contexto em torno, desde a ruptura com a mentalidade "machocêntrica" e os dogmas estéticos do rock às festas pacíficas e inclusivas. Comecei a fazer trabalhos esporádicos escrevendo sobre o tema até que, em 1990, fui convidado para fazer a coluna Dance Music, na revista *Bizz*. Acompanho a cena sim! Menos in loco, mas por meio de imprensa especializada, redes sociais e inúmeros contatos e amigos que tenho nesse meio.

Você conhece o Festival Universo Paralello?

Toquei lá em 2007, foi maravilhoso. Conheço a história do festival. Eventos maiores como o UP têm papel fundamental na ampliação do público, sempre trazendo gente nova, assim como na consolidação de saberes profissionais em relação a eventos de maior porte.

Você acha que os produtos especializados online como portais e blogs desempenham hoje algum papel para a cultura de música eletrônica no Brasil?

Com certeza, mas infelizmente o conteúdo de muitos peca por ser raso e pouco questionador. Existem tantas questões que podem ser exploradas no cenário hoje, mas poucas são abordadas com profundidade. Exemplo: a baixa representatividade de negros na cena, seja como profissionais, seja como público. Então pode-se dizer que boa parte dos veículos se incumbem de propagar o que já existe e está aceito, mas não de contribuir para evolução ou mudanças.

Se você pudesse mudar algo na cena de música eletrônica brasileira hoje, o que você mudaria?

Mais inclusão, mais democratização de acesso. Nos anos 2000, a cena eletrônica baseada em *house* e *techno* (afinal, funk é música eletrônica brasileira) pegou um ranço *playboy* e elitista forte. Coletivos independentes em São Paulo vêm discutindo e tentando melhorar isso, mas ainda falta muito.

Box 5 - Underground X Mainstream

Com certeza você já viu essas duas palavrinhas por aí quando o assunto é música. Especialmente música eletrônica. Apesar de polêmicos, esses conceitos estão intrinsecamente ligados aos de mercado e cultura musical, seja no Brasil ou lá fora. Para quem não sabe, o *mainstream* é como chamamos aquilo que é comercial, vendável. Aquilo que está na moda e que a maioria das pessoas está consumindo em um determinado momento. Mais do que isso, é um conteúdo feito especialmente para essas pessoas. Para a maioria.

O parâmetro que mede o que é *mainstream* ou não é muito relativo, mas convencionou-se dizer que ele é um resultado da cultura e consumos dominantes em um certo local. Como no ying-yang, o seu oposto complementar é chamado *underground*, quase sempre relacionados às palavras resistência e contracultura. O *underground* é o alternativo, produtos culturais independentes e geralmente pouco conhecidos, existentes apenas pela vontade de artistas e produtores de fazer algo diferente da maioria.

A jornalista e DJ Cláudia Assef descreve como aquilo que é feito sem a preocupação de vender: “O *underground* nasce sem a preocupação de estourar, de se tornar um hit. Acho que é aquilo que é fiel à verdade do artista. Aquilo que fala antes de mais nada com a arte e não com os acessórios que vêm com a arte, que é o planejamento comercial, sucesso, fama”.

Já o DJ Paulo Vilela, responsável pelo projeto Vegas, mostra a relatividade dessas definições: “É um ponto de vista. Se eu for tocar no *mainstage* (palco principal) da Tomorrowland, por exemplo, meu som pode ser o mais *underground* do evento. Porém, se eu toco em um festival como Universo Paralello, eu sou *mainstream*”.

Chamei de oposto complementar acima, porque um conceito não existe sem o outro. E ambos são altamente necessários para a indústria musical e para o desenvolvimento de uma cultura, seja ela qual for. A exemplo disso, o artigo dos pesquisadores Jorge Cardoso Filho e Jeder Janotti Júnior, de 2006, intitulado “*A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática*”, define bem os conceitos de *mainstream* e *underground* como estratégias de consumo, que, por sua vez, asseguram público para ambas.

Box 6 - Uma outra religião

Com quase 30 anos no comando das *pickups* em Salvador e em muitas cidades baianas, o DJ Mauro Telefunksoul já dispensou o convite para tocar no Festival Universo Paralello algumas vezes. Em maio de 2018, minutos antes de entrar no palco para um show na cidade de Barreiras, a quase 900 km da capital, pergunto ao artista sobre as festas *underground* na Bahia e escuto algo curioso: “Nunca fui nessa onda de *rave*. O *trance* é como se fosse outra religião”.

Telefunksoul, único nome que utiliza hoje, foi um dos primeiros DJs da cena baiana, responsável por criar uma mistura de estilos que hoje caracteriza muitos artistas por aqui. Precursor do *bassmusic* regional – ao qual chama de *Bahia bass*, seu estilo é nascido de uma união do urbano *drum and bass* com ritmos baianos. “Eu sempre fui da cena *indoor*. Os eventos *outdoor* eu até tocava, mas é porque em Salvador sempre teve muita festa aberta. Eu sou da cena mais *underground* de rap, do *bass music*, então a gente sempre tocou em lugares menores. E eu sou assim, até no jeito de me vestir e pensar, eu sou como meu estilo: da rua, da cidade”, define ele.

Vestindo uma regata de um time de basquete americano do qual é fã e um boné de aba reta, o típico DJ da periferia, fã de Tim Maia e Elza Soares, se apresentou em Barreiras com um set recheado de funk e até MPB. Ao lado dele, estava o DJ carioca RD, uma das referências em produção musical de funk no Brasil e dono de hits populares como o “*Malandramente*”.

“Já toquei músicas que tinham elementos e textura do *trance*, porque hoje eu opto por fazer um set mais aberto, *open format*. Então não tenho essa coisa de não tocar. Se eu gostar, eu toco. Pra mim a mistura é essencial (...) Mas não é do meu perfil musical ouvir *trance*”, diz Mauro, que se apresentou após alguma insistência pela primeira vez no Universo Paralello na última edição, em 2017.

Para o baiano, que já foi convidado a tocar em festivais como o UP, este representa uma cena que não é a sua, mas que ganha pelo caráter democrático. “No Tortuga [palco onde ele se apresentou no festival] eu vi que tinha a oportunidade de você mostrar outro estilo de som. Tinha acabado de voltar da Europa e resolvi participar pra fechar o ano com chave de ouro. A galera recebeu muito bem. Toquei afro, toquei *bass*. E foi legal, uma experiência”, descreve.

Box 7 - A atração principal da festa

O DJ é aquele cara que toca entre uma atração e outra. Aquele que coloca umas músicas pra animar o público até alguém começar a cantar e aparece pequeno atrás do equipamento de som. Raramente conhecemos seu rosto ou sabemos sobre sua vida. Isso se você não for um fanático por música eletrônica. E principalmente, se essa pessoa não for o DJ Alok.

“Ter músicas que bombam tira um peso enorme das minhas costas”. Com toda certeza, essa foi a frase que mais chamou a atenção durante uma das conversas com o artista brasileiro mais ouvido no mundo atualmente, de acordo com o site de *streaming* de música [Spotify](#). Essa conversa ocorreu em fevereiro de 2017, pelo telefone. Ele disse que estava saindo da academia e, ao contrário do que possa parecer, o tom era de pura alegria. A frase saiu quando me contava sobre a pressão em ser o mais requisitado DJ brasileiro do momento. “O fato de a nossa música ser a mais tocada do Brasil e do mundo me dá o suporte necessário para eu carregar essa responsabilidade. Complicado seria se eu fosse o número um e não correspondesse a isso”, afirma.

Alguns meses mais tarde, pudemos conversar pessoalmente, nos bastidores do badalado Villa Mix em Salvador. A voz, nessa ocasião, estava menos empolgada, ainda que destoando do show grandioso e animado que ele fez aquela noite. Estava mesmo todo elegante e com o jeito de galã com que aparece nas revistas. Fotos e flashes o tempo todo. A quantidade de fãs era enorme ao seu redor, como sempre, e ele não conseguia se movimentar muito. Tentava sem sucesso atender a todos. Após a entrevista corrida no camarim lotado às 2h da madrugada, com direito a longos bocejos e expressão de puro cansaço, eis que recebo um áudio no celular: “Voltei da Europa hoje, na minha cabeça já são 6 horas da manhã. Desculpe se pareci de alguma forma um pouco... sei lá... sem ação”. Posso dizer que entendi ali o que acontece por trás do grande letreiro em LED nos shows glamourosos onde se lê “Alok”.

“Seu sucesso veio muito rápido. Será?”. Escreveu Alok no *Twitter*, logo acima de uma foto que o mostra no comando das *pick-ups* ao lado do irmão gêmeo, Bhaskar. Na imagem não aparentam ter mais de dez anos de idade. A primeira apresentação profissional, para um público grande, foi no palco principal do Festival Universo Paralello, aos 12 anos de idade. O quintal de casa. Filhos do casal de DJs e produtores Juarez Petrillo e Ekanta Jake, fundadores do festival, os meninos nasceram junto com a história do *psytrance* no Brasil. Ficaram no estilo por um tempo, e ainda mantêm até hoje um dos pés nele com o projeto *Lógica*, em que tocam juntos.

Conheci essa história no fim de 2017, em minha segunda visita ao Universo Paralello. Encontrei um Alok descalço na areia escaldante de Pratigi, na praça de alimentação abarrotada com alguns dos 20 mil participantes do festival. Vestia bermuda e óculos, enquanto ria e comia um acarajé, tirando uma foto do cardápio da lanchonete que oferecia um sanduíche com seu nome. Dali a alguns minutos seria sua apresentação no palco principal com o *Lógica*. Não havia ninguém ao seu redor, não havia pedido de fotos ou fãs desesperados. Me lembrei de sua fala no vídeo de apresentação do festival, divulgado em suas redes sociais, meses antes: “Essa aqui é a minha casa”.

No festival, sua única apresentação solo foi no palco paralelo UP Club, com o projeto “Alok”, cheio de personalidade e perfeitamente equilibrado entre o *mainstream* que o caracteriza atualmente e o *underground* que se espera de um evento de cultura alternativa. Deve ser porque “o Universo Paralello é o nosso menino de ouro”, como ele me disse.

Hoje ele é o 19º melhor DJ do mundo, eleito pela DJ Mag, maior referência para o mundo da música eletrônica. Essa posição nunca havia sido alcançada por um brasileiro na história. Deve ser porque ele agora é a atração principal da festa.